



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CASSIA CRISTINA DO NASCIMENTO

**A SURDEZ ADQUIRIDA, O BILINGUISMO E A AQUISIÇÃO DA
IDENTIDADE SURDA: HISTÓRIA DE UMA VIDA**

CAMPINA GRANDE-PB
DEZEMBRO/2017

CASSIA CRISTINA DO NASCIMENTO

**A SURDEZ ADQUIRIDA, O BILINGUISMO E A AQUISIÇÃO DA
IDENTIDADE SURDA: HISTÓRIA DE UMA VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno

**CAMPINA GRANDE-PB
DEZEMBRO/2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244s Nascimento, Cassia Cristina do.

A surdez adquirida, o bilinguismo e aquisição da identidade surda. [manuscrito] - história de uma vida / Cassia Cristina do Nascimento. Eduardo Gomes Onofre, Ricardo Manoel de Oliveira Ferreira - 2017.

85p. : il. Colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação: Profa. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno, Coordenação do Curso de Pedagogia – CEDUC."

1. Surdez adquirida. 2. Língua de Sinais. 3. Identidades de Surdos. 4. Bilinguismo.

21. Ed. CDD 371.912

CASSIA CRISTINA DO NASCIMENTO

**A SURDEZ ADQUIRIDA, O BILINGUISMO E A AQUISIÇÃO DA
IDENTIDADE SURDA: HISTÓRIA DE UMA VIDA**

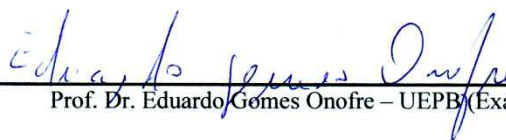
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em 04 de dezembro de 2017

BANCA EXAMINADORA




Prof. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno – Orientadora/UEPB



Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre – UEPB (Examinador)



Prof. Esp. Ricardo Manoel de Oliveira Ferreira – UEPB (Examinador)



“O encontro com a alteridade é o sinal específico para a constituição de diferentes identidades. Na comunidade surda esse encontro com a alteridade se torna uma necessidade constante. Na cultura surda a alteridade vai se constituindo, entre outros aspectos, a partir da construção da identidade.”

Gladis Teresinha TaschettoPerlin

Dedico este trabalho...

A Deus, primeiramente, por ser meu alicerce em todos os momentos de minha existência;

Aos meus pais, Félix José e Josefa Sebastiana, por tudo que fizeram e fazem por mim;

Aos meus irmãos e irmãs que tanto se esforçaram para que eu pudesse cursar universidade;

À minha avó Sebastiana Maria da Conceição (*in memoriam*), pelo apoio durante anos de minha vida estudantil;

Ao meu esposo João Batista Júnior por todo o apoio e companheirismo.

AGRADECIMENTOS

A **Deus** primeiramente, por ter me concedido a oportunidade de concluir um curso de suma importância em minha vida.

Aos meus **pais, irmãos/irmãs e familiares** por me ajudarem e serem motivadores importantes dessa conquista.

Às professoras **Cristiane Nepomuceno** e **Socorro Leal Cabral**, pelas leituras sugeridas e dedicação ao longo dessa orientação.

Aos demais **professores/professoras da UEPB**, que deram suas contribuições para o meu crescimento dentro da academia.

Ao então **Coordenador do Curso de Pedagogia**, na época, o Prof. Inácio de Araújo Macedo, pelo apoio sempre que necessário, na resolução de determinados acontecimentos acadêmicos.

Aos **entrevistados/as**, que disponibilizaram um pouco do seu tempo para contribuírem para com a realização dessa produção.

Aos que fazem a direção da **Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aroeiras (APAE)**, e professoras da instituição, pela compreensão da necessidade do meu afastamento das atividades semanais, para maior dedicação aos compromissos acadêmicos.

Aos integrantes do **Ministério de Música “Mãe do Rosário”**, pela compreensão da minha ausência nos ensaios, para realização de trabalhos da academia.

A **algumas pessoas que marcaram minha vida**, Marcicleide Araújo, Ionath Iamara, Joselma de Lourdes, Ana Paula Oliveira, Iva Santana, Ernestina Santana, Paulo Dias, Maria das Dôres, Vilma Cristina, Elizabeth Cristina, Maria Camilo, Elída Leidiane, Dra. Silvane Lara, Dra. Germana Gonçalves, Dra. Socorro Pedrosa, Pe. Rômulo Remígio Viana, Pe. Gustavo Ferreira e Pe. José Marcondes Neves, que me incentivaram e ajudaram direto ou indiretamente no decorrer e também após o curso; que compartilharam de várias fases de minha vida ao longo das produções. Obrigada por todas as contribuições!

A todos os **parentes, amigos e amigas, e demais colegas da universidade**, que deram sua contribuição colaborando, direto ou indiretamente na realização desse trabalho.

RESUMO

O presente estudo busca fazer uma discussão sobre a surdez e algumas de suas particularidades, especificamente: a “surdez adquirida” e a sua influência para a formação da identidade surda, considerando o papel da língua de sinais. Esse processo deu-se a partir da vivência em uma Escola de Surdos numa pequena cidade no interior da Paraíba, Aroeiras. Nossa intenção é proporcionar uma reflexão sobre fatos que contribuem para a formação de identidades, mais precisamente de identidades surdas. Para tanto dedicamos atenção a identidade surda de um determinado sujeito com surdez adquirida aos 10 (dez) anos para ver como esse processo havia se dado. Esta pesquisa fundamentou-se na hipótese de que na formação da identidade de uma pessoa com surdez adquirida, o aprendizado e o domínio da Língua de Sinais é a melhor maneira para inseri-la no convívio social. Neste sentido, trazemos tanto a discussão acerca de estudos já realizados sobre a temática, quanto às informações coletadas no decorrer da pesquisa. Em meio a essa discussão sobre surdez, o que nos chamou mais atenção foi a identidade do sujeito que perdeu a audição, pois despertamos um interesse maior pela surdez adquirida, justamente por almejarmos entender melhor como se deu essa transição de ouvinte para Surdo; de que maneira se deu a adaptação desse sujeito para com essa nova forma de comunicação (fazendo uso do bilinguismo com falas oral e sinalizada), falas essas muito próprias de Vandinaldo viver e conviver em sociedade. Os envolvidos na pesquisa foram dois ex-professores ouvintes, duas ex-professoras (uma Surda e outra ouvinte), duas pessoas da família, além de Vandinaldo, nosso Surdo em questão. Estas pessoas foram escolhidas para participarem da nossa pesquisa, por terem informações do nosso interesse, já que acompanharam Vandinaldo em boa parte de sua caminhada. Metodologicamente esta pesquisa pode ser definida como um Estudo de Caso, de natureza exploratória e descritiva, já que objetiva conhecer em profundidade uma dada situação. Por se tratar de uma pesquisa educacional utilizamos a abordagem de cunho qualitativo e desenvolvemos nosso estudo a partir de uma pesquisa bibliográfica. Usamos para a coleta dos dados entrevistas (semi-estruturadas) e observação. Em relação à pesquisa teórica, para dar suporte à nossa pesquisa, foram lidos alguns estudiosos como: Hall (2002), Marchesi (2004), Moreira (2008), Dorziat (2009), Lima (2011), entre outros. Os resultados obtidos por meio da pesquisa, que deu origem a este trabalho, revelaram a existência de uma enorme complexidade em relação à formação de identidades, impondo limites em relação à pessoa Surda, para com a vivência em meio à sociedade ouvinte.

Palavras-chave: Surdez adquirida. Língua de Sinais. Identidades de Surdos. Bilinguismo.

ABSTRACT

The present study seeks to make a discussion about deafness and some of its peculiarities, specifically: "acquired deafness" and its influence on the formation of the deaf identity, considering the role of sign language. This process was based on the experience of a School of the Deaf in a small town in the interior of Paraíba, Aroeiras. Our intention is to provide a reflection on facts that contribute to the formation of identities, more precisely of deaf identities. In order to do so, we pay attention to the deaf identity of a certain subject with deafness acquired at 10 (ten) years to see how this process had taken place. This research was based on the hypothesis that in the formation of the identity of a person with acquired deafness, learning and mastery of Sign Language is the best way to insert it into social interaction. In this sense, we bring both the discussion about studies already carried out on the topic, and the information collected during the course of the research. In the midst of this discussion about deafness, what attracted us most attention was the identity of the subject who lost his hearing, since we aroused a greater interest in acquired deafness, precisely because we wanted to better understand how this transition from hearing to Surdo occurred; in what way was the adaptation of this subject to this new form of communication (using bilingualism with oral and signed speeches), these very own words of Vandinaldo live and live in society. Those involved in the research were two ex-teacher-listeners, two former teachers (one deaf and one listener), two family members, in addition to Vandinaldo, our deaf in question. These people were chosen to participate in our research, for having information of our interest, since they accompanied Vandinaldo in a good part of his walk. Methodologically this research can be defined as a Case Study, exploratory and descriptive in nature, since it aims to know in depth a given situation. Because it is an educational research, we use the qualitative approach and develop our study from a bibliographical research. We used for the collection of data interviews (semi-structured) and observation. In relation to the theoretical research, to support our research, we have read some scholars such as: Hall (2002), Marchesi (2004), Moreira (2008), Dorziat (2009), Lima (2011), among others. The results obtained through the research, which gave rise to this work, revealed the existence of an enormous complexity in relation to the formation of identities, imposing limits in relation to the Deaf person, to the experience in the middle of the listener society.

Keywords: Acquired deafness. Sign language. Identities of the Deaf. Bilingualism.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

1. AUDIÇÃO E SURDEZ: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	16
1.1 . Surdez: do quê estamos falando?.....	16
1.1.1 . Percurso do som.....	19
1.1.2 . A Surdez Neurossensorial (Surdez Adquirida).....	19
1.1.3 . A surdez na infância.....	21
1.1.4 . Zumbidos.....	21
1.1.5 . Surdez: tipos, níveis e graus.....	23
1.1.6 . Aparelhos de surdez.....	24
1.1.7 . Implantes cocleares.....	24
1.2. A formação de identidades X Língua brasileira de Sinais.....	25
1.2.1. Identidades Surdas.....	27
1.2.2. Identidade política.....	27
1.2.3. Identidades Surdas híbridas.....	28
1.2.4. Identidades Surdas flutuantes.....	28
1.2.5. Identidades Surdas de transição.....	29
1.3. A importância da Libras na formação de identidades da pessoa Surda.....	30
1.4. Educação Bilíngue-Bicultural X Inclusão Social.....	31

CAPÍTULO II

2. COMUNIDADE SURDA BRASILEIRA:UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

2.1. Surdez: retrospectiva de sua história no mundo.....	34
2.2. Início da educação de Surdos no Brasil.....	37
2.3. Início da educação de Surdos na Paraíba.....	37
2.4. Implantação da Escola de Surdos de Aroeiras.....	38

CAPÍTULO III

3. A SURDEZ ADQUIRIDA NO LIMAR DA LÍNGUA(GEM) OROFACIAL E A LÍNGUA(GEM) VISOGESTUAL: HISTÓRIA DE UMA VIDA

3.1. Caminhos trilhados: tipificando a pesquisa.....	41
3.2. Apresentação do sujeito da pesquisa.....	42
3.3. Apropriando-se da história de vida de Vandinaldo.....	43
3.4. O Surdo “Pós-Linguístico” e a Identidade Surda – Relato de uma observação.....	45
3.5. O que dizem os atores envolvidos.....	47
3.5.1. “Fala” Vandinaldo: relato do “dito” (oralizado e/ou sinalizado).....	48
3.5.2. Falaram os familiares e ex-professores/as de Vandinaldo.....	51
4. DISSO TUDO, O QUE PODE SER DITO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	61
5. REFERÊNCIAS.....	64
APÊNDECES.....	68
ANEXOS.....	82

A importância da aquisição da Língua de Sinais para a pessoa Surda

Toda pessoa só se completa quando domina sua própria língua. A criança quando ainda não consegue falar, precisa chorar, gritar... para poder expressar seus sentimentos, desejos, é a aquisição da fala que lhe dá autonomia plena. Um estrangeiro mesmo que conheça a cultura de outro país, se não conhecer a língua com precisão, não consegue estabelecer uma boa relação comunicativa.

Contudo imaginemos a pessoa Surda que nasce numa família ouvinte, que nunca usa a Língua de Sinais, torna-se um estrangeiro dentro do seu próprio país, ou melhor, da sua própria comunidade, casa, família... a partir do conhecimento e aquisição da Língua de Sinais os Surdos passam a compreender o mundo à sua volta, a se aceitarem. E na escola e também com a Comunidade Surda esse mundo que antes se limitava a se mesmo e a gestos insignificantes, muitas vezes, passa a ter sentido para a vida, a ser importante.

O que antes, aos olhos dos outros era “o mudo bravo”; “o doido de fulano”; o escravo do trabalho pesado; hoje tem um nome, um trabalho digno, estuda, namora, casa, forma família... tem uma identidade própria. Orgulha-se de se identificar como Surdo, a lutar pelos direitos e sabe cumprir com suas obrigações como cidadãos [o que parecia impossível].

A escola Bilíngue para Surdos é o meio, o início, o caminho pelo qual tudo isso pode acontecer, por ela surge o interesse pelas demais vivências sociais que a vida propõe. Religião e esporte são outras áreas nas quais os Surdos se sentem fortes enquanto grupo ou comunidade linguística.

Ernestina Iva de Santana
Prof.a da Escola de Surdos de Aroeiras-PB
e da Escola de Surdos de Gado Bravo-PB

Aroeiras, 05 de abril de 2015

INTRODUÇÃO

“O ser humano possui dois sistemas para a produção e reconhecimento da linguagem: o sistema sensorial, que faz uso da anatomia visual/auditiva e vocal (línguas orais) e o sistema motor, que faz uso da anatomia visual e da anatomia da mão e do braço (língua de sinais). Essa é considerada a língua natural dos surdos, emitida através de gestos e com estrutura sintática própria” (BRASIL, 1997, p. 281).

Como uma pessoa com surdez adquirida, indivíduo de língua e inserido em um contexto cultural de ouvintes, vê-se introduzido em um universo completamente distinto que requer o domínio de uma segunda língua, uma segunda cultura?

O interesse pela surdez vem me acompanhando desde a infância, mais precisamente aos 10 (dez) anos de idade, quando estudava a 1ª série (hoje 2º ano). Na falta da minha professora, nós ficávamos com a turma ao lado. A professora desta turma tem um filho Surdo, e por esse motivo ensinava os números e o alfabeto manual para seus alunos/as. Além disso, eu sempre via os Surdos da cidade de Gado Bravo na Igreja de Aroeiras (acompanhava a interpretação de Ernestina¹), e foi daí que passei a admirar essa nova forma de comunicação. Porém, só após o ingresso na vida acadêmica, é que me foi dada a oportunidade de documentar algo que tanto almejava estudar mais a fundo: a surdez.

O tema escolhido para ser abordado nesta pesquisa foi a “surdez adquirida” e qual a sua influência para a formação da identidade surda, considerando o papel da Língua de Sinais nesse processo deu-se a partir da vivência em uma Escola de Surdos numa pequena cidade no interior da Paraíba, Aroeiras. Ao conhecer um jovem estudante que apresentava situação peculiar: havia adquirido surdez em decorrência de um quadro de meningite, mas que fazia uso do bilinguismo (com falas oral e sinalizada), passamos a estudar de que maneira se deu a adaptação desse sujeito para com essa nova forma de comunicação viver e conviver em sociedade, para inserir-se no meio social.

¹ Ernestina Iva de Santana é intérprete da Libras há mais de quinze anos.

Surgia uma questão para conhecer. Assim, a proposta de pesquisa objetivava contar a história de vida de um jovem chamado Vandinaldo, de como fora formada a identidade de sujeito com surdez adquirida, como havia sido sua vivência escolar após a surdez adquirida – dando atenção a opinião do sujeito pesquisado em relação à inclusão e finalmente, verificando qual foi a importância (ou não) da aquisição da Língua de Sinais nesse processo.

Para atingir nossos objetivos nesta pesquisa, utilizamos o estudo de caso, que na perspectiva de André (2005, p. 29), nos ajuda a “entender um caso particular levando em conta seu contexto e complexidade”. Para tanto, o estudo precisaria ser realizado nos ambientes de convivência do sujeito em questão para que as informações fossem mais precisas.

Desse modo, no processo de coleta de dados foram utilizadas a “observação participante” (LAVILLE e DIONNE 1999, p. 178-179), e “entrevistas semi-estruturadas” (GOLDENBERG 1999, p. 86), com questões relacionadas aos objetivos em estudo. Esse procedimento se deu para que houvesse uma maior interação entre pesquisador e pesquisado, pois o contato da observação juntamente com a entrevista, permitiu uma maior possibilidade na veracidade dos fatos coletados; além de ter nos orientado para que houvesse uma melhor compreensão das opiniões dos atores envolvidos neste estudo, diante do problema em questão, que fez referência à formação da/s identidade/s surda/s.

No ato das entrevistas, além do sujeito alvo do estudo, foram entrevistadas 06 (seis) pessoas que fazem ou fizeram parte de seu convívio próximo, seja no ambiente educacional ou familiar, proporcionando assim, a possibilidade de obtenção de um maior número de informações para a realização da pesquisa. As entrevistas com os/as professores/as foram registradas na modalidade oral e gravadas em áudio, com o auxílio do roteiro escrito. Já as entrevistas com as pessoas Surdas, foram registradas através de gravação em vídeo, com o auxílio de intérpretes da Língua de Sinais.

Organizamos nosso trabalho em três capítulos analisando discussões teóricas, onde levamos em consideração contribuições de estudiosos como: Hall (2002), Marchesi (2004), Moreira (2008), Dorziat (2009), Lima (2011), entre outros. Analisamos também os dados coletados durante a realização da pesquisa de campo.

O **primeiro capítulo intitulado “Audição e surdez: algumas considerações”**, traz uma discussão do que venha a ser audição e conseqüentemente o que é a surdez, com vários aspectos de sua particularidade; No **segundo capítulo, “Comunidade Surda brasileira: um pouco de sua história”**, apresentamos algumas datas importantes referentes a surdez, além de uma breve retrospectiva histórica sobre a surdez no Mundo, no Brasil, na Paraíba e na cidade

de Aroeiras; O **terceiro e último capítulo “A surdez adquirida no limiar da língua(gem) orofacial e a língua(gem) visogestual: história de uma vida”**, tratamos sobre os caminhos trilhados no decorrer da pesquisa, abrangendo a apresentação do sujeito da pesquisa, a observação e algumas falas.

Para fechar as discussões, trazemos a análise dos dados coletados para a realização desta pesquisa. Através dessa análise, procuramos a compreensão da hipótese de que, na formação da identidade de uma pessoa com surdez adquirida, o aprendizado e o domínio da Língua de Sinais é a melhor maneira para inseri-la no convívio social. Buscamos durante a análise uma resposta para a questão norteadora desta pesquisa.

Cabe aqui explicar o motivo pelo qual nossa pesquisa estar sendo concluída apenas agora e não há **05 (cinco)** anos atrás, como planejado.

Durante esse tempo a UEPB entrou em greve por 06 (seis) meses no ano de 2015 _ junho a novembro, e por 03 (três) meses em 2017 _ abril a junho. Além disso, ocorreu que devido a uma sobrecarga de atividades, desenvolvi um quadro relevante de stress que mais tarde evoluiu para uma estafa, seguida de um período depressivo. Fez-se necessário o meu afastamento das atividades cotidianas para que pudesse cuidar da minha saúde **(fato ocorrido entre os anos de 2013 e 2014). Tive uma nova crise psicológica no ano de 2016, por conta de algumas decepções cotidianas que naturalmente ocorrem no decorrer de nossas vidas.** Só agora pude retornar às atividades e retomá-las com força total. Mas, temos um Deus maravilhoso que tudo pode e tudo fez para que pudéssemos concretizar nossa pesquisa no tempo hábil, no tempo certo para Ele! Porque todas as coisas acontecem no tempo de Deus e não no nosso; sendo assim, agradecemos este tempo de grandes aprendizagens, já que neste período e principalmente os momentos seguintes a este período, foram de grande valia para todos nós envolvidos nesta pesquisa.

Durante o tempo em que, por motivo de saúde, fiquei impedida de concluir meu TCC – como muitas pessoas podem falar: “não produzindo” – afirmo que terminou sendo um “tempo” muito produtivo, principalmente em relação ao conhecimento do universo do Surdo, ao estudo da surdez e para o domínio da Língua de Sinais, hoje bem maior que aquele do início da pesquisa. Então contradizendo esta “não produção”, foi de grande valia, neste período de afastamento representou um ganho bastante significativo para a nossa pesquisa. Inclusive nos deu maiores e melhores possibilidades de interpretar de forma mais acertada o resultado das observações a cerca do nosso pesquisado, cujo qual apresentaremos a seguir.

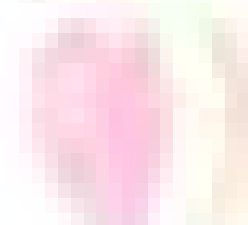
Este estudo é relevante, pois remete a uma problemática que envolve a formação da identidade de um indivíduo, abordando o fato de “ser, não ser ou estar sendo” (SKLIAR apud

DORZIAT, 2009, p. 19-20), em meio ao convívio social. Além de servir de base para a realização de outros trabalhos, que envolvam estudos de caso baseados em história de vida.

U



M



1. AUDIÇÃO E SURDEZ: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

[...] mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um 'posicionamento', ao qual nós podemos chamar provisoriamente de identidade.

Stuart Hall

1.2 - Surdez: do quê estamos falando?

Surdez é a incapacidade parcial ou total de audição. Pode ser de nascença ou causada posteriormente por doenças, enquanto que a audição é a capacidade de percepção e análise do som, que por sua vez é apreendido pelo ouvido e analisado pelo cérebro.

A percepção auditiva ajuda-nos em muitos aspectos da nossa vida, equilíbrio, prevenção de acidentes, compreensão na comunicação com os outros e o que está a ser dito e ouvido, incluindo os sons que nos rodeiam. Neste sentido, entendemos que a surdez é qualquer alteração produzida tanto no órgão da audição como na via auditiva.

Segundo Marchesi (2004, p. 172-173), “a classificação mais habitual do ponto de vista médico foi feita em função do lugar onde se localiza a lesão, o que levou a destacar três tipos diferentes: a surdez condutiva ou de transmissão, a surdez neurosensorial ou de percepção e a surdez mista”. Dentre estas, iremos nos aprofundar mais na surdez neurosensorial ou de percepção. Ainda segundo Marchesi, “sua origem pode ser genética, produzida por intoxicação” (medicamentos ototóxicos ou drogas ototóxicas²), “por infecção” (meningite) “ou por alterações vasculares e dos líquidos linfáticos do ouvido interno”.

Através de nossas leituras sobre surdez adquirida, foi possível sermos sabedores de que existem sujeitos que perderam a audição, somente após ter aprendido a oralizar. Essas pessoas oralizam, porém não escutam o som da sua própria voz. Marchesi (2004, p. 173) destaca que “esse tipo de surdez não afeta apenas a quantidade da audição, mas também sua qualidade”. Por esse motivo, “não apenas se ouve menos, mas o que se ouve é distorcido graças aos possíveis resquícios auditivos de que a criança dispõe, porque se perde audição em determinadas faixas de frequência e não em outras”. Assim, entendemos que a surdez é uma perda parcial ou completa da audição em um ou dois ouvidos. Podendo uma criança nascer

²Medicamentos ototóxicos ou drogas ototóxicas são aqueles/as que lesam o nervo auditivo, causando a surdez.

com perdas na audição ou desenvolver posteriormente. Como as crianças aprendem a falar imitando os outros, uma criança que não ouve outras pessoas falando ao seu redor, não consegue reproduzir esses sons.



Figura 01: Representação da estrutura do ouvido
Fonte: <http://itagrupolibras.blogspot.com/>

A surdez é a incapacidade parcial ou total de audição, que pode ser de nascença ou causada posteriormente por doenças; enquanto que a audição é a capacidade de percepção e análise do som, que por sua vez é apreendido pelo ouvido e analisado pelo cérebro. De acordo com Marchesi (2004, p. 174), “a causa da surdez (...) é um fator de variabilidade significativa que está relacionada com a idade da perda auditiva, com a reação emocional dos pais, com os possíveis transtornos associados e, por essa razão, com o desenvolvimento da criança”. Ainda segundo Marchesi, “(...) há dois grandes tipos de causas: as de base hereditária e as adquiridas, embora para cerca de um terço das pessoas surdas a origem de sua surdez não possa ser diagnosticada com exatidão” – sendo neste caso, de origem desconhecida.

Marchesi (2004, p. 175), diz que: “o principal objetivo [...] quando a criança perde a audição [...] depois dos 3 anos, [...] é manter a linguagem adquirida, enriquecê-la e complementá-la”. Isto nos leva a crer que o indivíduo com surdez adquirida irá viver/desenvolver-se melhor se adotar uma identidade de Surdo, utilizando e dominando a Língua de Sinais. Dessa forma, tornar-se-á um ser ativo no meio social em que está inserido. Neste estudo, “o “S” maiúsculo será usado como forma de marcar uma concepção política de surdez, vista para além do fator biológico” Dorziat (2009, p. 09).

Muitas vezes é atribuído um termo que não é muito bem aceito entre a Comunidade Surda. Esta terminologia é conhecida como Surdo-Mudo e tem sua raiz na história, quando a

peessoa Surda estava condenada a mudez. Ser Surdo significava automaticamente ser mudo, e pior, ser um abandonado, excluído ou até mesmo desacreditado pela sociedade. Essas pessoas acreditavam que só existia uma forma de falar, que era através da língua oral. Porém, com o passar do tempo, estudos e pesquisas mostraram que a comunicação gesto visual é uma língua. Ou seja, ficou comprovado que ser Surdo não significa não poder oralizar, uma vez que, pessoas ouvintes podem ficar impedidas de oralizar por causa de comprometimentos no aparelho fonador³.

Apesar de se constatar ser possível ensinar o Surdo a falar (língua oral), e principalmente, de estudos conferirem à Língua de Sinais usada por eles há tantos séculos como sendo a língua verdadeira, mesmo assim, falando uma ou duas línguas, a denominação Surdo-Mudo continua a ser utilizada em diversos meios sociais.

SegundoFelipe:

Ser Surdo é saber que pode falar com as mãos e aprender uma língua oral-auditiva através dessa, é conviver com as pessoas que, em um universo de barulhos, deparam-se com pessoas que estão percebendo o mundo, principalmente, pela visão, e isso faz com que eles sejam diferentes e não necessariamente deficientes (FELIPE, 2001, p. 38).

Sobre essa questão de deficientes, cabe aqui colocarmos que de uma forma geral, não devemos usar o termo “portador”, quando nos referirmos a uma pessoa com deficiência, pois essa pessoa não porta a deficiência, de modo que possa deixá-la em qualquer lugar. Da mesma maneira, também não devemos usar o termo “mudo” para nos referirmos a uma pessoa com surdez, pois como diz a professora de Libras Aline Risseli, “... Surdo não é Mudo, fala Língua de Sinais” (SANTANA e SILVA, 2008, p. 8).

Acreditamos que só um trabalho informativo da comunidade surda junto à sociedade, sobre a inadequação do termo Surdo-Mudo, pode aos poucos, fazer cair em desuso esse termo.

1.2.1 Percurso do som

A audição natural ocorre quando as ondas sonoras passam pelo canal auditivo e fazem com que o tímpano vibre. As vibrações do tímpano, por sua vez, movem três pequenos ossos no ouvido médio. O movimento desses ossos transmite as vibrações do ouvido médio para o

³Site da REDE SACI.

ouvido interno, onde elas são transformadas em impulsos elétricos carregados ao cérebro através do oitavo nervo craniano. O cérebro interpreta estes impulsos elétricos como sons. Danos, doenças ou problemas no funcionamento de qualquer uma dessas estruturas podem causar surdez.

1.2.2 A Surdez Neurossensorial (Surdez Adquirida)

A surdez é sensorial quando afeta o ouvido interno e neural quando afeta o nervo auditivo, ou as vias auditivas localizadas no cérebro. Se ocorrer uma lesão no ouvido interno, há uma lacuna que recebe o nome de neurossensorial. Nesse caso, não há problemas na condução do som, mas acontece uma diminuição na capacidade de receber os sons que passam pelo ouvido externo e pelo ouvido médio.

A surdez neurossensorial faz com que as pessoas escutem menos e também tenham maior dificuldade de perceber as diferenças existentes entre os sons. Algumas pessoas apresentam perdas auditivas súbitas, elas quase sempre são unilaterais, mas em raras ocasiões podem atingir os dois ouvidos. A surdez súbita é acompanhada de "estalos" intensos, podendo haver vertigem ao mesmo tempo. Existe também a surdez progressiva, que pode atingir níveis elevados em poucos dias.

Qualquer um dos problemas a seguir pode levar a dificuldades na audição, que provavelmente, levarão a dificuldades de aprendizado. Problemas no canal auditivo que podem causar perda auditiva incluem acúmulo de cera, objeto estranho no canal auditivo e infecção conhecida como otite. Além de problemas no tímpano e no ouvido médio que podem ser causados por uma inflamação deste último, ou um bloqueio na trompa de Eustáquio, que conecta a garganta e o ouvido médio. A infecção, conhecida por otite média, costuma ocorrer nos dois primeiros anos de vida, especialmente entre crianças expostas frequentemente a ela, nas creches. Esta infecção costuma envolver um acúmulo de líquidos que causa perda auditiva leve ou moderada por até nove meses, ameaçando o desenvolvimento correto das habilidades de linguagem da criança.

Já os problemas do oitavo nervo craniano têm muitas causas possíveis. Este nervo é responsável por transportar todos os sinais dos ouvidos e estruturas de equilíbrio ao cérebro. Uma criança pode nascer com um nervo que não se desenvolveu corretamente, ou que foi danificado antes do nascimento. Por exemplo, se uma gestante contrai rubéola, o vírus pode infectar o oitavo nervo craniano do feto. Após o nascimento, um ferimento ou infecção por um vírus (caxumba ou sarampo) ou bactéria (meningite) pode danificar esse nervo. Como já

colocamos anteriormente, há também certos medicamentos ou drogas, chamados de ototóxicos/as, que podem afetá-lo.

As ototoxicoses são afeções iatrogênicas provocadas por drogas medicamentosas que alteram o ouvido interno (labirinto). Essas drogas podem afetar o sistema coclear ou o sistema vestibular ou ambos, alterando duas funções importantes do organismo: a audição e o equilíbrio(cf. in: www.surdo.org.br).

A perda auditiva traz diversos impactos à vida de uma pessoa. Além da questão da linguagem e desenvolvimento cognitivo, o aspecto econômico também está presente. Alguns estudos estimam que mesmo quando desenvolvida na fase adulta, a surdez gera algumas consequências: menores índices de participação de pessoas Surdas na força de trabalho e elevação do desemprego, além de rendas mais baixas, comparadas as de grupos ouvintes.

No que se refere ao diagnóstico rápido da diminuição da audição, o papel da família, principalmente no caso das crianças, é fundamental. Por isso, deve-se ficar atento a alguns sinais que podem facilitar a identificação da surdez. Alguns fatores, como atraso do desenvolvimento da linguagem da criança, ou um vocabulário aquém do esperado para a idade, principalmente se comparada com outras crianças, pode-se suspeitar de uma perda auditiva.

Outros sintomas também devem ser observados, como não reagir a sons, dificuldade de compreender ordens simples, por exemplo, quando se diz à criança para cumprimentar alguém e esta não atende ao que lhe foi solicitado. Os primeiros anos de vida são essenciais para o desenvolvimento da linguagem, o que impacta no desenvolvimento cognitivo e facilita a socialização da criança.

Segundo Marchesi (2004, p. 175):

A idade da criança quando se produz a perda auditiva tem uma grande repercussão em seu desenvolvimento posterior. Diferenciam-se dois tempos: antes dos 3 anos e depois dessa idade. No primeiro caso, denomina-se surdez pré-locutiva, isto é, antes que a criança tenha consolidado a fala. No segundo caso, existe uma surdez pós-locutiva, posterior à aquisição da fala.

Ainda de acordo com Marchesi (2004, p. 173):

As surdezes neurossensoriais costumam ser permanentes e, até há pouco tempo, não era possível uma intervenção cirúrgica que permitisse restabelecer a zona prejudicada e recuperar a audição; contudo, nos últimos

anos, vem se desenvolvendo uma nova técnica, o implante coclear, que está abrindo possibilidades inesperadas para as pessoas surdas.

Sobre essa questão do implante coclear, vale salientar que a maioria dos Surdos não aceita fazer o implante, pois alegam que assim fazendo, perderiam sua identidade de pessoa Surda. E estes têm o direito de se expressarem da maneira que se sentirem melhor.

A identidade é algo que marca um sujeito em uma determinada sociedade ou grupo. Neste enfoque cabe avaliarmos de que forma uma pessoa com surdez adquirida, se sente melhor: tentando dar continuidade a sua vida como ouvinte, com a ajuda de próteses auditivas, ou adquirindo o aprendizado da Língua de Sinais⁴, que é a forma oficial de comunicação entre as pessoas que têm ausência de audição.

Como a família exerce uma forte influência na construção das identidades dos sujeitos, ela se torna bastante importante neste processo de tomada de decisão das pessoas com perda auditiva adquirida. Para que essa decisão possa ocorrer de maneira natural e espontânea, é importante que se produza, selecione e organize um conjunto de dados e ações, para auxiliar as famílias a lidar com a questão. Além de oferecer o suporte necessário a qualquer um de seus membros que venha a enfrentar esse desafio.

1.2.3 A surdez na infância

A audição inicia-se a partir do quinto mês de gestação e desenvolve-se rapidamente durante os primeiros meses de vida. As crianças recém nascidas passam por procedimentos que compõem uma triagem. Esses procedimentos são popularmente conhecidos como teste da orelhinha. Este teste é realizado por um profissional habilitado, sendo utilizado como forma de diagnosticar se a criança ouve os sons emitidos à sua volta.

Os pais ou responsáveis devem observar as reações auditivas da criança. Nos primeiros meses o bebê reage a sons como o de vozes ou de batidas de portas, piscando, assustando-se ou cessando seus movimentos. Por volta do quarto ou quinto mês a criança já procura a fonte sonora, girando a cabeça ou virando seu corpo. Se o bebê não reage a sons de fala, os pais devem ficar atentos e procurar aconselhamento com o pediatra, pois desde cedo o bebê distingue, pela voz, as pessoas que convivem com ele diariamente.

⁴Refere-se à Língua de Sinais como forma oficial de comunicação entre os Surdos do mundo inteiro, cada país com sua particularidade.

O teste da orelhinha é um procedimento de suma importância, já que a partir desse diagnóstico são possibilitadas diversas formas de auxiliar a criança, se for o caso de constatação da surdez, por meio de exames audiométricos mais apurados.

1.2.4 Zumbidos

O uso constante de fones de ouvido e brinquedos eletrônicos utilizados por jovens e crianças, exige cuidados. Pois quando esse uso é excessivo, e a exposição ao som é inadequada e contínua, podem comprometer seriamente a saúde auditiva.

Diversos problemas auditivos diagnosticados atualmente estão relacionados a ruído, por exposição prolongada a sons potencialmente lesivos. Os fones de ouvido são considerados pelos médicos os mais prejudiciais porque carregam sons de até 120 decibéis diretamente para o tímpano, colaborando com o aparecimento de zumbido (som intermitente ou contínuo), antes mesmo de provocar alguma perda auditiva perceptível.

Já os brinquedos eletrônicos vendidos no comércio chegam a emitir ruídos de 82 a 130 decibéis – intensidades maiores do que aquelas recomendadas para um trabalhador adulto, já que o nível suportado pelo ouvido humano é de 85 decibéis. Qualquer ruído que ultrapasse essa marca torna-se prejudicial para a audição.

1.2.5 Surdez: tipos, níveis e graus

Há diversos tipos de surdez. Uma forma de classificá-las é medindo o quanto de som se escuta, pela média da intensidade e frequência – HZ. Faz-se um exame chamado Audiometria.



Figura 02: Exame de audiometria
Fonte:Otorrinos Porto Alegre

Como resultado temos as seguintes classificações:

Audição Normal – A pessoa ouve bem o tic-tac de um despertador (som de zero a 20 decibéis).

Perda Leve – A pessoa sente dificuldade numa conversação normal particularmente quando há presença de ruídos (som de 20 a 40 decibéis).

Perda Moderada – A pessoa não ouve o tic-tac do despertador, escuta um sussurro tem dificuldades ao falar no telefone (som de 40 a 60 decibéis).

Perda Severa – Para ouvir a pessoa precisa de um som tão alto quanto o barulho de uma impressora rotativa (som de 60 a 80 decibéis).

Perda Profunda – A pessoa só ouve ruídos (vibrações) como os provocados por uma turbina de avião, disparo de revólver e tiro de canhão (som acima de 90 decibéis).

Apesar do grau de perda auditiva variar bastante de pessoa para pessoa, a perda está relacionada com a idade, afeta em primeiro lugar, as frequências mais altas, chegando gradualmente, às mais baixas. São observados danos no nervo auditivo, causados por doenças típicas da infância (parotidite, rubéola, meningite). Bem como lesão das vias do nervo auditivo, provocada por doenças desmielinizantes, que são aquelas doenças que destroem a bainha dos nervos do ouvido.

O Artigo 70 do capítulo IX, das disposições finais do Decreto nº 5.296, de 2004 - considera Deficiência Auditiva como a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500HZ, 1.000HZ, 2.000HZ e 3.000HZ.

1.2.6 Aparelhos de surdez

Dispositivos de audição, assim são chamados os aparelhos que propiciam a amplificação sonora. São muito úteis para pessoas com perda auditiva condutiva ou neurosensorial, pessoas com perda auditiva predominantemente neurosensorial de alta frequência e para aquelas que perderam a audição num só ouvido.

O aparelho contém um microfone que recebe sons, um amplificador que aumenta o volume e um altofalante que transmite estes sons, já amplificados. Após avaliar-se a necessidade e a importância da indicação correta de um aparelho auditivo, é que se deve proceder com seu uso. Este aparelho deve estar adaptado às necessidades específicas de cada pessoa de forma a atender o grau de perda auditiva.

1.2.7 Implantes cocleares

Há situações em que o aparelho não é capaz de suprir a necessidade. Dependendo do tipo de perda auditiva, como é o caso de uma pessoa ser profundamente Surda. Pode ser que o mais indicado seja o implante coclear – um procedimento cirúrgico que exerce sua função por meio da estimulação elétrica direta das fibras do nervo auditivo, por meio de eletrodos implantados em pacientes onde o ouvido interno está danificado.

O implante coclear é um dispositivo eletrônico de alta tecnologia, também conhecido como ouvido biônico. Tem a função de estimular eletricamente as fibras neurais remanescentes, permitindo a transmissão do sinal elétrico para o nervo auditivo, que é depois decodificado pelo córtex cerebral. Reforçamos que muitos Surdos não aceitam o implante coclear, pois acreditarem que este nega a identidade da pessoa Surda.

1.2 – A formação de identidades X Língua brasileira de Sinais

A língua transforma a experiência. [...]. Ao mesmo tempo, o aprendizado da língua transforma o indivíduo de tal modo que ele é capaz de fazer coisas novas para si mesmo e coisas antigas de maneiras novas [...].

Oliver Sacks

Conceituar a identidade é dizer que a mesma não é inata, está em constante modificação, partindo da descoberta, da afirmação cultural em que um certo sujeito se espelha no outro semelhante, criando uma situação de confronto. Há uma necessidade de o homem ter a sua própria marca, sua individualidade. Isto é algo intrínseco ao próprio ser social, cuja identidade preserva-o em originalidade e diferenças como indivíduo, ao qual supõe-se que sejam asseguradas as condições de realizar seu potencial criador, o que lhe possibilita desenvolver sua própria identidade no mundo.

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2002, p. 07).

Identidade cultural é, pois, uma forma de distinguir os diferentes grupos sociais e culturais entre si. Aí está presente a identidade surda, que assim como qualquer outra, também é uma construção contínua.

Segundo Gilroy, 1997 apud Moreira (2008, p. 38 - 39):

Na teoria social, parece ser consensual a pertinência de refletir sobre quem somos, de examinar como nos temos transformado, bem como de nos situarmos em relação aos grupos dos quais desejamos nos aproximar, para nos sentirmos pertencendo, nos percebermos apoiados e realizados efetivamente dentro de um determinado grupo ou sociedade. A discussão teórica da identidade justifica-se, então, por iluminar a interação entre a experiência subjetiva do mundo e os cenários históricos e culturais em que a identidade é formada.

Neste sentido, podemos colocar que, a formação de identidades de um sujeito, depende muito dos fatores que o acompanham e dos seres com os quais se relaciona. Pois, o ambiente de convívio conta muito para que alguns aspectos sejam valorizados, e com isso, a identidade ganhe valor em determinados pontos e não em outros, orientando a maneira de ser individual ou social de uma pessoa. Nos diz Silva, que:

Nossa identidade, portanto, vai sendo tecida, de modo complexo, em meio às relações estabelecidas, que variam conforme as situações em que nos colocamos. [...] assim, não é uma essência, não é um dado, não é fixa, não é estável, nem centrada, nem unificada, nem homogênea, nem definitiva. É instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. É uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo (MOREIRA Apud SILVA, 2008, p. 41 - 42).

O desenvolvimento de reflexões sobre o grupo de pessoas denominadas Surdas requer, necessariamente, considerações mais apuradas sobre em quais bases estão sendo construídas as identidades desse grupo. Por um longo período, a identidade representou um indivíduo centrado, racional e unificado.

Vários estudos atuais questionam a visão previsível de identidade com base nos abalos sofridos nas relações sociais das últimas décadas, decorrentes, basicamente, das novas configurações em termos de costumes, valores, crenças e comportamentos, que têm desestabilizado as antigas noções de espaço-tempo (DORZIAT, 2009, p. 15).

Deste modo, a construção da identidade de cada sujeito, depende do lugar que ele ocupa no tempo e no espaço. Depende também das construções de identidades de outros

sujeitos com os quais se relaciona, pois o processo de construção de identidades fica caracterizado pela inevitável força do discurso daqueles que detêm o poder. Geralmente pessoas dominadoras, que oprimem e/ou excluem outras pessoas por julgarem indefesas, fazem com que essas representações do poder sejam assumidas como identidade.

Tomando como ponto de partida o fato de que as identidades são construídas no e/ou pelo discurso, em lugares históricos e/ou específicos, em formações discursivas determinadas, ou até mesmo por estratégias direcionadas, é que se pode pensar no fato de um sujeito ao longo de sua vida, se deparar com questionamentos como: Quem sou? Pertencço a que grupo social? Esses questionamentos dizem respeito ao “ser, não ser ou estar sendo” em sociedade (DORZIAT, 2009, p. 19).

O sujeito com surdez adquirida depara-se muitas vezes com questionamentos como esses, pois teve que mudar seus hábitos e seu modo de viver e se comunicar, a partir do momento em que adquiriu a surdez.

1.2.1 - Identidades Surdas

Dentre as categorias de identidades surdas apresentadas por Perlin (apud DORZIAT 2009, p. 32), estão:

Identidades surdas presentes em grupo de Surdos que fazem uso de experiência visual; identidades surdas híbridas em Surdos que nasceram ouvintes e se tornaram Surdos; identidades surdas de transição dos Surdos que foram educados na comunidade ouvinte e depois passaram à comunidade surda (é o momento da passagem); identidades surdas incompletas presentes nos Surdos que vivem sob uma ideologia ouvinte; e identidades surdas flutuantes de Surdos que vivem e se manifestam a partir de hegemonia do ouvinte.

Podemos identificar as pessoas Surdas pelas diferenças que possuem, pois elas são observáveis facilmente. No momento distinguiremos algumas categorias para as diferentes identidades surdas, apresentadas por Gladis Teresinha TaschettoPerlin. Pesquisadora na área da surdez (sendo a primeira Doutora Surda do país), que se doou para a pesquisa do próprio caso, pois não é Surda nata, adquiriu a surdez na infância através de uma meningite.

Antes de adentrarmos nestas categorias colocadas por Perlin, é importante frisarmos que ao longo de anos de estudos na área da surdez, suas produções acerca das identidades surdas, tenham passado por algumas modificações. Alguns acréscimos bastante significativos,

havendo também algumas discussões de outros estudiosos da área, que divergem de suas constatações.

1.2.2 - Identidade política

Trata-se de uma identidade fortemente marcada pela política surda. São mais presentes em Surdos que pertencem à comunidade surda e apresentam algumas características culturais: possuem a experiência visual que determina formas de comportamento, cultura, língua. Carregam consigo a Língua de Sinais sempre, pois é sua forma de expressão.

Eles têm um costume bastante presente que os diferencia dos ouvintes e que caracteriza a diferença surda: a captação da mensagem é visual e não auditiva o envio de mensagens não usa o aparelho fonador, usa as mãos. Aceitam-se como Surdos, e se comportam como pessoas Surdas. Entram facilmente na política com identidade surda, onde impera a diferença: necessidade de intérpretes, de educação diferenciada através da Língua de Sinais, entre outros fatores.

Além disso, passam aos outros Surdos particularidades de sua cultura, sua forma de ser diferente – assumem uma posição de resistência – uma posição que avança em busca de delimitação da identidade cultural. Assimilam pouco, ou não conseguem assimilar a ordem da língua falada, e tem dificuldade de entendê-la.

A escrita obedece à estrutura da Língua de Sinais, podendo igualar-se a língua escrita, com reservas. Tem suas comunidades, associações, e/ou órgãos representativos e compartilham entre si suas dificuldades, aspirações, utopias. Usam tecnologia diferenciada: legenda e sinais na TV, telefone especial, campanha luminosa. Além de possuírem uma diferente forma de relacionar-se com as pessoas e mesmo com animais.

1.2.3 - Identidades Surdas híbridas

São Surdos que nasceram ouvintes e com o tempo alguma doença ou acidente os deixaram Surdos. Estes, dependendo da idade em que a surdez chegou, conhecem a estrutura do Português falado e o envio ou a captação da mensagem algumas vezes, é na forma da língua oral. Esta identidade também é bastante diferenciada, pois alguns não usam mais a língua oral, passando a usar sinais sempre. Assumem um comportamento de pessoas Surdas, já que usam tecnologia para Surdos.

Assimilam um pouco mais que os outros Surdos, ou não conseguem assimilar a ordem da língua falada, apresentam dificuldade de entendê-la. A escrita obedece à estrutura da Língua de Sinais, pode igualar-se a língua escrita, com reservas. Participam das comunidades, associações, e/ou órgãos representativos e compartilham com as identidades surdas suas particularidades.

Assim como os que se encontram inseridos na identidade política, aceitam-se como Surdos, exigem intérpretes, legenda e sinais na TV, telefone especial e campanha luminosa. Também apresentam uma diferente forma de relacionar-se com as pessoas e com os animais.

1.2.4 - Identidades Surdas flutuantes

Os Surdos que não tem contato com a Comunidade Surda. Estão em dependência no mundo dos ouvintes já que seguem os seus princípios, respeitam-nos e colocam-nos acima dos princípios da comunidade surda – às vezes competem com ouvintes, pois são induzidos no modelo da identidade ouvinte.

Além disso, não participam da Comunidade Surda, associações e lutas políticas, desconhecem ou rejeitam a presença do intérprete de Língua de Sinais, orgulham-se de saber falar “corretamente”. Demonstram resistências à Língua de Sinais, Cultura Surda visto que isto, para eles, representa estereótipo. Não conseguem identificarem-se como Surdos, sentem-se sempre inferiores aos ouvintes.

Há alguns Surdos que vivem na angústia, no desejo contínuo de serem ouvintes. Isto muitas vezes pode causar depressão, fuga, suicídio, acusação aos outros Surdos, além de competição com ouvintes. Quer ouçam algum som, quer não ouçam, persistem em usar aparelhos auriculares, e não usam tecnologia dos Surdos.

1.2.5 - Identidades Surdas de transição

Estão presentes na situação dos Surdos que devido a sua condição social, viveram em ambientes sem contato com a identidade surda ou que se afastam dessa identidade. Vivem no momento de trânsito entre uma identidade e outra.

Se a aquisição da Cultura Surda não se dá na infância, normalmente a maioria dos Surdos precisa passar por este momento de transição, visto que grande parte deles são filhos de pais ouvintes. No momento em que esses Surdos conseguem contato com a Comunidade Surda, a situação muda e eles passam pela des-ouvintização, ou seja, rejeição da

representação da identidade ouvinte. Embora passando por essa des-ouvintização, os Surdos ficam com sequelas da representação, o que fica evidenciado em sua identidade em construção.

Para os Surdos em transição, há uma passagem da comunicação visual/oral para a comunicação visual/sinalizada.

Além dessas identidades já citadas, Perlin também nomeia outras formas de identidades em meio à Comunidade Surda, como: identidades surdas embaçadas, identidades surdas de diáspora e identidades intermediárias. Como já frisamos anteriormente, esse fato ocorreu devido às modificações em suas constatações ao longo dos seus estudos sobre surdez.

Em todo caso para a construção destas identidades impera sempre a identidade cultural, ou seja, a identidade surda como ponto de partida para identificar as outras identidades surdas. Esta identidade se caracteriza também como identidade política, pois está no centro das produções culturais.

1.3 - A importância da Libras na formação de identidades da pessoa Surda

O reconhecimento da Libras como língua oficial. Nosso país possui atualmente duas línguas oficiais (o Português e a Língua de Sinais). A Lei nº 10.436/02 reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão, determinando que sejam garantidas formas institucionalizadas de apoiar seu uso e difusão, bem como a inclusão da disciplina de Libras como parte integrante do currículo nos cursos de formação de professores e de fonoaudiologia⁵. No dia 24 de abril de 2015, completaram-se 13 anos de sua oficialização no Brasil.

A maioria dos Surdos são filhos de pais ouvintes e como sabemos, a família exerce uma forte influência na construção das identidades dos sujeitos. Por esse motivo torna-se um instrumento de grande importância, neste processo de tomada de decisão das pessoas com perda auditiva adquirida. Para que essa decisão ocorra de maneira natural e espontânea, é importante que se produza, selecione e organize um conjunto de dados para auxiliar as famílias a lidar com a questão e oferecer o suporte necessário a qualquer um de seus membros que venha a enfrentar esse desafio.

Segundo Wallin (apud DORZIAT 2009, p. 32):

⁵Política Nacional de Ed. Esp. na Pers. da Ed. Inclusiva, p. 9.

Quando os pais usam a LS na comunicação com seu filho Surdo, a criança ingressa na escolaridade com uma gama de conceitos e de conhecimentos do mundo que a cerca, que lhe proporcionarão uma base estável, para seu posterior desenvolvimento e sua autoconfiança.

Conseqüentemente, essa criança irá se autoidentificar, assumindo e aceitando sua condição de Surda, já que o acesso a LS⁶ é primordial na construção da identidade da pessoa Surda em todos os aspectos, sejam eles sociais, cognitivos ou linguísticos.

Como já colocamos anteriormente, a pessoa Surda não é muda, pelo contrário, ela fala e fala muito bem, desde que tenha o domínio da Língua de Sinais. É de uma importância indiscutível que o Surdo tenha o conhecimento da Língua de Sinais, bem como seus familiares e demais pessoas de seu convívio social. Como veremos no “Anexo B” e também em Botelho, 1998 (apud SANTANA, 2004, p.21):

A aquisição precoce da língua de sinais por crianças surdas contribui para a concentração de uma maneira mais reflexiva de enfrentar os problemas, aposta a um modo impulsivo de agir encontrando naqueles que tiveram acesso somente a linguagem oral e que não a internalizaram suficientemente. Inata é nossa capacidade de falar, mas precisamos de direção cultural para aprender como falar, de que modo e com quem falar.

Quanto ao indivíduo com surdez adquirida, no nosso entendimento, torna-se necessário a aquisição da Língua de Sinais a partir do momento em que ocorre a perda da audição. Visto que a cultura é primordial para os Surdos, de modo que estes possam estabelecer sua comunicação, seja com ouvintes ou com outros Surdos. Pois [...] “ninguém é igual a ninguém, precisamos uns dos outros para enriquecer nossos conhecimentos” (SANTANA, 2004, p.11).

Entendemos que para o Surdo, a comunicação envolve todo um espaço, através da *expressão facial-corporal*, ou seja, o uso da face, mãos, e braços. Isso se deve à forma de *expressão visual-espacial* que é fundamental para o desenvolvimento de sua língua natural.

1.4 - Educação Bilíngue-Bicultural X Inclusão Social

Faz-se necessário o reconhecimento do Surdo, como um ser bilíngue-bicultural, que necessita comunicar-se com dois mundos e vivenciar duas culturas distintas. Pois o Surdo

⁶Língua de Sinais

necessita dominar a Língua de Sinais, para comunicar-se com a Comunidade Surda e o Português para poder se integrar na sociedade. Como podemos ver na citação abaixo:

[...] o bilinguismo acredita que o processo educacional da criança surda deveria centrar-se na aprendizagem da Língua de Sinais (Libras) como primeira língua (L1) e da Língua Portuguesa como segunda língua (L2), tendo em vista que o sujeito surdo é por excelência um ser vidente e, sendo assim, necessita da Libras para comunicar-se e desenvolver-se social e cognitivamente (SANTANA e SILVA, 2008, p. 3).

É direito dos Surdos serem educados tendo, no caso do Brasil, a Libras como primeira língua e o Português (na modalidade escrita) como segunda língua. Porém recentemente nos deparamos com algumas injustiças acerca dessa discussão, já que corremos o risco de termos nossas escolas bilíngues de portas fechadas. As escolas de ouvintes – vale ressaltar que existem exceções – não dispõem de condições de atendimento adequado para os Surdos, já que não possuem intérpretes. Por esse motivo é fundamental que os Surdos sejam alfabetizados em escolas específicas para eles, como reforçam SANTANA e SILVA, 2008, p. 7: “... só a escola específica para Surdos pode atender as particularidades cognitivas, sociais, linguísticas e culturais dos Surdos”.

Em se tratando da tão falada inclusão, cabe aqui colocar que não há como um professor em sala de aula, conduzir duas línguas ao mesmo tempo. De modo que se torna quase impossível uma comunicação produtiva, que priorize o bom entendimento por parte de todos os alunos, sejam eles Surdos ou ouvintes. Os Surdos devem lutar pelos seus direitos para que esses sejam reconhecidos e respeitados, pois “o fortalecimento do direito implica no reconhecimento da diferença” (PORTO, 16 de agosto de 2011 às 11h15min).

As pessoas Surdas, principalmente aquelas que sinalizam, não se colocam como deficientes, mas como diferentes. Apesar desse fato, existem alguns estudiosos que ao se referirem aos Surdos, os tratam como deficientes auditivos.

Nessa discussão sobre inclusão, Lima (2011, p. 148), afirma que:

Para que haja a inclusão social das pessoas surdas, com o objetivo de participação social efetiva, sem a inevitável submissão a que as minorias são expostas, as escolas precisam organizar-se, considerando as questões educacionais mais amplas, relacionadas à discussão atual sobre a importância de definição de propostas pedagógicas para as escolas e, sobretudo, no caso específico da surdez, as especificidades relativas ao reconhecimento político da surdez, tendo como símbolo maior a língua de sinais.

Para colaborarmos com a inserção de Surdos em meio à sociedade, nas ações cotidianas de convívio com pessoas Surdas, é preciso tomar alguns cuidados como: 1. Falar de maneira clara, pronunciando bem as palavras, sem exageros, usando a velocidade natural, a não ser que ela peça para falar mais devagar. 2. Falar diretamente com a pessoa, não de lado ou atrás dela. 3. Tentar ficar em um lugar iluminado, evitando ficar contra a luz, pois isso dificulta a visão do rosto. 4. Ser expressivo ao falar, pois as pessoas Surdas não podem ouvir mudanças sutis de tom de voz, que indicam sentimentos de alegria, tristeza, sarcasmo ou seriedade, as expressões faciais e o movimento do corpo são excelentes indicações do que se quer dizer. 5. Em uma conversa, não desviar o olhar, pois a pessoa Surda pode achar que a conversa terminou. 6. Quando o Surdo estiver acompanhado de um intérprete, dirigir-se a ele, não ao intérprete.

Essas são algumas medidas simples, mas que podem fazer toda a diferença quando se trata da comunicação com pessoas Surdas.



CAPÍTULO II



2. COMUNIDADE SURDA BRASILEIRA: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

*[...] um povo acontece quando as pessoas se unem em torno de um mesmo sonho.
É preciso devolver ao povo a capacidade de sonhar para que ele volte a ser povo.*

Santo Agostinho

Iniciaremos este capítulo colocando algumas datas referentes, tais como: Dia Nacional do Surdo e Dia Nacional da surdez; Dia Internacional do Surdo; Dia das Línguas de Sinais.

A Comunidade Surda brasileira comemora em 26 de setembro, o Dia Nacional do Surdo, data em que são lembradas as lutas históricas por melhores condições de vida, trabalho, educação, saúde, dignidade e cidadania. Já o Dia Nacional da surdez é celebrado em 10 de novembro. Alguns estudiosos da área, colocam essa data como sendo o Dia Nacional de Prevenção e Combate à surdez. Onde alertam sobre o diagnóstico da surdez através do teste da orelhinha em recém nascidos.

No Brasil, o dia 26 de setembro é celebrado devido ao fato desta data lembrar a inauguração da primeira escola para Surdos no país em 1857, com o nome de Instituto Nacional de Surdos Mudos do Rio de Janeiro, atual INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos.

Para finalizar esse tópico das datas referentes, trazamos a Federação Mundial dos Surdos que celebra o Dia do Surdo internacionalmente, a cada 30 de setembro. Já o Dia das Línguas de Sinais, é comemorado em 10 de setembro – esta data é também conhecida, como sendo o Dia Mundial de Valorização das Línguas de Sinais⁷. Com o objetivo de valorizar o respeito e promover o reconhecimento das Línguas de Sinais em diferentes países.

2.1 - Surdez: retrospectiva de sua história no mundo

Na antiguidade clássica, os gregos e romanos não consideravam os Surdos como seres humanos. Eles eram sacrificados por serem percebidos como pessoas enfeitiçadas ou castigadas pelos deuses. Acreditava-se que o pensamento dependia da fala, portanto, as pessoas surdas eram proibidas de aprender, possuir ou herdar propriedades, casar-se, votar, entre outras restrições. Tudo isso sob proteção da Lei.

⁷<http://blogdedoraregina.blogspot.com.br/2011/09/10-de-setembro-dia-mundial-de.html>

Na Idade Média, os Surdos continuavam sendo vistos como não-humanos, a partir de uma visão religiosa, pois a Igreja católica desconsiderava-os, visto que não podiam falar os sacramentos. Segundo Skliar (S/D), a partir do século XI teve início um novo, lento, mas importante movimento de investigação sobre a relação da fala, da audição e do pensamento, que começaram a mostrar que era possível educar o Surdo.

O início da Idade Moderna foi marcado pelo objetivo de instruir os filhos Surdos dos nobres para terem direito a herança da família. O professor dedicava-se totalmente a um aluno para ensiná-lo a falar (oralmente), ler e escrever. Assim, teve início a verdadeira educação de Surdos, com os primeiros educadores. Na Espanha Pedro Ponce de Leon (1520-1584), foi considerado o primeiro professor de Surdos da história. De acordo com Skliar (S/D), não há muitas informações sobre o tipo de metodologia aplicada por Leon, os dados históricos informam apenas que o monge ensinava falar, ler, escrever, contar, assistir Missa e confessar-se através da palavra.

Os séculos XVI e XVII apresentam algumas ações de educação de Surdos, mas é no século XVIII que surge, na França, o abade Michel de L'Epee (1712-1789) que fundou a primeira escola pública para Surdos, o Instituto Nacional para Surdos-Mudos de Paris. Seu método de ensino utilizava um sistema denominado “Sinais Metódicos”, uma combinação da Língua de Sinais com a gramática sinalizada francesa. Teve o mérito de considerar os Surdos como seres humanos possuidores de uma língua, e que tinham direito a educação pública. Foi a época de ouro para os Surdos, pois nesse período, os resultados da educação gestualizada dos Surdos possibilitou para esses sujeitos, ascensão educativa e conseqüentemente visualização social.

A Idade Contemporânea, nos Estados Unidos, foi marcada pela fundação da escola permanente para Surdos. Seu fundador, o americano Thomas Gallaudet, levou a experiência de educação gestualizada da escola francesa – porque foi-lhe negado a possibilidade de observar como os Surdos eram educados pelo método oral, no Reino Unido. Assim, sabendo também da experiência do Instituto, em Paris, Gallaudet foi à procura de informações sobre como funcionava a educação de Surdos na França. Levou para os Estados Unidos o professor Surdo Laurent Clerc, que usava o francês sinalizado em sua comunicação, língua da qual evoluiu a Língua de Sinais Americana (ASL). Beneficiando a evolução da escolarização dos Surdos, fundou o Asilo Hathford, que atualmente é Gallaudet University, única universidade para Surdos do mundo.

Paralelamente ao movimento gestual, o método oral começou a ganhar forças devido aos avanços tecnológicos que contribuiram para o treinamento auditivo e aprendizagem da

fala pelo Surdo. Fortaleceu-se então, a ideia de que a Língua de Sinais seria prejudicial para o desempenho da língua oral. Em 1880, aconteceu o Congresso Internacional de Educação de Surdos em Milão. Neste encontro foi colocado em votação qual o método que deveria ser utilizado na educação de Surdos. O oralismo venceu e o uso da Língua de Sinais foi proibido – os professores Surdos não tiveram direito ao voto – o oralismo foi visto como única saída na comunicação com os ouvintes.

No século XX o Surdo foi destaque principal da educação. Na década de 60 foi publicada uma tese em defesa da (ASL), como uma língua com todas as características das línguas orais. A partir desse acontecimento, iniciaram-se diversas pesquisas sobre a Língua de Sinais e seu uso na educação e na vida do Surdo. Percebeu-se a insatisfação pela oralização e seus resultados no desenvolvimento acadêmico dos Surdos.

Como alternativa e nova reflexão sobre a educação dos Surdos surgiu a filosofia da Comunicação Total, que utilizava todas as formas de comunicação. Sua meta era a valorização da comunicação e não da língua. Na década de 70, na Suécia e Inglaterra, surgiu a filosofia bilíngue numa visão de independência entre a Língua de Sinais e a língua oral. Atualmente o bilinguismo ganha cada vez mais adeptos em todos os países do mundo.

2.2 - Início da educação de Surdos no Brasil

Em 1855, o professor Surdo francês Hernest Huet foi trazido por D. Pedro II para ensinar a duas crianças Surdas, com babás pagas pelo governo. Dois anos depois foi fundado o Imperial Instituto Nacional de Educação de Surdos-Mudos, atualmente Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro – a primeira escola de Surdos do Brasil que utilizou a Língua de Sinais. No ano de 1911, o INES instituiu o oralismo total em todas as disciplinas, mas a Língua de Sinais era utilizada pelos Surdos nos pátios e corredores da escola.

No fim da década de 70 chega ao Brasil a Comunicação Total por intermédio da educadora de Surdos, Ivete Vasconcelos, da Universidade de Gallaudet. Já na década de 80 começaram as pesquisas sobre o bilinguismo no Brasil, a partir de estudos realizados pela professora Lucinda Ferreira Brito, sobre a Libras – Língua Brasileira de Sinais. A princípio chamou esta língua de LSCB (Língua de Sinais dos Centros Urbanos), posteriormente de LSKB (Língua de Sinais Kaapor Brasileira) utilizada pelos índios Uuru-Kaapor, no estado do Maranhão e nas selvas amazônicas (LIMA apud SANTANA, 2004, p.17-18).

2.3 - Início da educação de Surdos na Paraíba

A educação de Surdos na Paraíba teve início e se fundamentou a partir de uma visão clínica, onde os Surdos eram vistos como doentes que precisavam de assistência terapêutica para superar as dificuldades na aprendizagem e no desenvolvimento da comunicação. Na década de 80, do século passado, quando foi criada a Habilitação para Educação dos Deficientes da Audiocomunicação (Habilitação em EDAC), na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Campus II, essa era a proposta assumida, a exemplo de outros países, com a intenção de preparar o Surdo para uma convivência social, trabalhava na linha da oralização.

As leituras sobre surdez e educação levaram as professoras da UFCG e da Escola Estadual de Audiocomunicação de Campina Grande “Demóstenes Cunha Lima” (EDAC), que a princípio foi criada como campo de estágio para as formandas da habilitação em EDAC, a repensar a educação de seus alunos Surdos, vindos de várias cidades paraibanas. Já o início da década de 90 foi de ações baseadas na filosofia da Comunicação Total. No entanto, a abertura conceitual de estudos sobre a Língua de Sinais e sobre o que é ser Surdo, possibilitou que se firmasse e instituísse uma nova perspectiva na educação de Surdos em Campina Grande, a perspectiva bilíngue-bicultural.

Entre os grandes colaboradores para a realização do avanço na educação dos Surdos, podemos citar as professoras Eleny Gianini e Ana Dorziat. Poucos são os dados sobre a educação de Surdos na perspectiva bilíngue nas outras cidades da Paraíba, pois existe apenas um curso específico para formação de professores de Surdos, que é a habilitação em EDAC, na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Essa história, que busca efetivar a perspectiva bilíngue-bicultural na escola específica para Surdos na Paraíba, está sendo construída ao longo dos anos com ações pedagógicas sistematizadas em Campina Grande, há mais de vinte anos. Outras atividades e eventos têm acontecido pelo estado, escolas públicas e privadas que utilizam a Libras ou contratam intérpretes para as salas de aula que têm Surdos, porém não há um documento oficial de onde possam ser extraídos dados mais precisos.

2.4 - Implantação da Escola de Surdos de Aroeiras

O município de Aroeiras, fica situado no Agreste paraibano, distância de Campina Grande (cidade pólo) cerca de 54 km e para João Pessoa (capital) cerca de 178 km. Segundo dados do IBGE do censo de 2000, conta com uma população de 19.520 habitantes, sendo 6.579 na zona urbana e 12.941 na zona rural – 9.537 homens e 9.983 mulheres. Sendo os dois

maiores povoados: Pedro Velho, situado à leste do município de Aroeiras, distância 18 km do mesmo, com uma população aproximada de 1.000 habitantes e Cachoeira Grande ao norte da sede, distância cerca de 20 km do centro do município, população aproximada de 600 habitantes.

Em sua divisão territorial, Aroeiras conta com aproximadamente 78 localidades, entre vilas, fazendas e povoados. Foi emancipada em 1953, Lei Estadual nº 980/02/12/1953. Limita-se ao Sul pelo Rio Paraíba com o município de Umbuzeiro (PB/PE) do qual foi desmembrado; ao Norte, com os municípios de Fagundes e Itatuba (PB), pelo rio Paraibinha; ao Oeste, com Queimadas e Gado Bravo (PB), pela BR Aroeiras Campina e Riacho do Pereiro; ao Leste, com o município de Natuba (PB), pelo rio Paraíba (AROEIRAS, 2003, p.104-105).

A rede pública de educação conta com 73 (setenta e três) unidades de ensino vinculadas ao município – distribuídas em sua maioria na zona rural; 06 (seis) unidades de ensino vinculadas ao Estado. O maior número de estudantes está matriculado na rede pública municipal, nos níveis Ensino Fundamental I e II e em uma creche-escola (Dados disponíveis in: <http://www.escolas.inf.br/pb/aroeiras>, capturado em 17 de novembro de 2017).

No início dos anos 2000, um levantamento realizado pela Secretaria de Educação de Aroeiras, em parceria com a UFCG, constatou um número significativo de pessoas Surdas no município. Sendo que quase toda a totalidade dessas pessoas não frequentava escola, nem recebia nenhum tipo de atendimento especializado (cf. SANTANA e SILVA, 2008, p. 2-3). Por esse motivo a Secretaria de Educação de Aroeiras solicitou a assessoria pedagógica às professoras da área de Educação de Surdos da Unidade Acadêmica de Educação da UFCG para a implantação de uma escola para Surdos no município. A escolha da assessoria se deu em função do conhecimento prévio do trabalho de assessoria pedagógica que a referida Unidade Acadêmica desenvolvia junto à Escola de Audiocomunicação de Campina Grande desde 1983 através do projeto extensionista, vinculado ao Programa de Bolsa de Extensão (PROBEX).

A ideia era que as professoras da UFCG não só assessorasse pedagogicamente a implantação da Escola Municipal de Surdos de Aroeiras (EMSA), mas que também formasse os/as profissionais que iriam atuar na educação dos/as Surdos, que colaborasse com a equipe pedagógica da EMSA no desenvolvimento de uma proposta pedagógica adequada ao ensino de Surdos na realidade específica.

A Escola foi criada em 2006 pelo Decreto Lei nº 007 de 03 de abril de 2006 (ver Figura 03) e recebeu o nome de Escola Municipal de Educação Especial de Aroeiras

(EMEEA), durante muito tempo chamada de Escola de Surdos (EMSA) pela sua identidade de pertença. Foi inaugurada no dia 31 de julho de 2006 funcionando inicialmente em um prédio cedido pela Igreja católica no qual funcionava a antiga Casa Paroquial, situado à Rua Padre Leonel Franca nº 50, centro, Aroeiras PB.

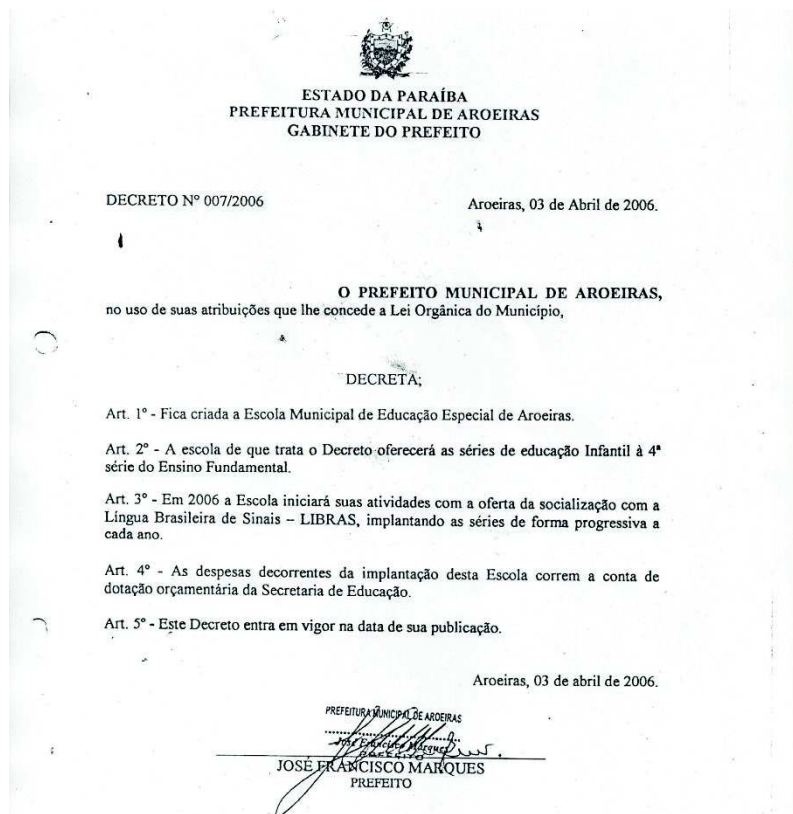


Figura 03 - Decreto De Criação Da Escola Municipal De Educação Especial De Aroeiras – EMEEA

Fonte: Acervo da EMEEA

O objetivo principal com a criação da EMSA foi possibilitar a formação e o desenvolvimento educacional e social dos Surdos da cidade de Aroeiras, de modo que fossem oferecidas condições para uma aprendizagem significativa, estabelecendo os direitos dos Surdos na cidade. Tudo isso foi tido como um marco de contribuição, tanto para a formação da comunidade surda quanto para sua inclusão social.

A Escola começou suas atividades atendendo a 20 alunos/as Surdos/as, matriculados desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental, com uma faixa etária de 5 a 40 anos de idade. A equipe técnico-pedagógica era composta por três professores, sendo: uma instrutora de Libras, uma diretora e uma auxiliar de serviços gerais (SANTANA e SILVA, 2008). No de

2008 a EMSA passou a funcionar em um novo endereço: Rua Zeferino de Paula, Nº 530, Centro, CEP: 58489-000. A Prefeitura alugou uma casa, pequena e sem qualquer adaptação e os 20 alunos/as passaram a ser assistidos nessa nova estrutura.

Com a criação Escola Municipal de Educação Especial de Aroeiras esperava-se atender aos/as educandos/as surdos/as e, gradualmente estruturar a unidade escolar com o pessoal, infraestrutura, recursos e material necessários ao atendimento de múltiplas deficiências. Quando o projeto foi apresentado à Secretária de Educação do município veio a recusa pois, alegou-se que o município não possuía financeiro para colocar em funcionamento a escola especial com tudo que precisava. Portanto, tendo restringido seu atendimento a pessoas surdas, a EMEEA ficou conhecida como Escola de Surdos EMSA porque a ideia originou foi inviabilizada. Essa condição foi “oficializada” inclusive nos contracheques, onde aparecia vínculo: EMEEA de Surdos (ver Figura 04).

PREFEITURA MUNICIPAL DE AROEIRAS
 Zeferino de Paula - 661 - centro Aroeiras/PB - 58489-000
 Fone: (83) 3396-1020
 08.865.636/0001-08

DEMONSTRATIVO DE PAGAMENTO

Secretaria		
SEC. DE EDUCAÇÃO FUNDEB 60% FUND. BB COMISSIONADOS		
Lotacao		Unidade de Trabalho
		EMEEA DE SURDO
Matricula	Nome	Competencia
0003581	CASSIA CRISTINA DO NASCIMENTO	04/2015

Figura 04 – Espelho do contra cheque vínculo funcional com a EMEEA de Surdos
 Fonte: Arquivo pessoal

Desse modo, no ano de 2007, por iniciativa de um coletivo de pais de pessoas com deficiências, em parceria com a Fraternidade Cristã de Pessoas com Deficiência da Paraíba (FCD) e a Igreja Católica de Aroeiras, foi fundada a Escola Emerson da Silva Pereira, na qual a APAE passou a desenvolver suas atividades.

A partir de então, as crianças, adolescentes e adultos com deficiência intelectual: paralisia cerebral (PC), síndrome de down, autistas e outras não identificadas, foram matriculadas a fim de receberem atenção pedagógica, saúde e assistência social. A instituição passou a receber apoio financeiro do município, mas sempre de modo insuficiente.

No ano de 2014 foi oferecida uma formação aos gestores da rede educacional do município, da qual foram convidadas a participar a gestão das duas escolas especiais do município: APAE – Aroeiras e a Escola de Surdos (EMEEA). Desta surgiu a proposta de

realização de uma parceria documentada entre as duas escolas especiais, para isso seria necessário a elaboração de um Projeto Pedagógico que desse unidade ao trabalho das mesmas.

Todavia a proposta do Projeto Pedagógico nunca saiu do papel, em decorrência da dificuldade das partes envolvidas estabelecerem concordância em relação ao conteúdo apresentado, a participação, as responsabilidades,...

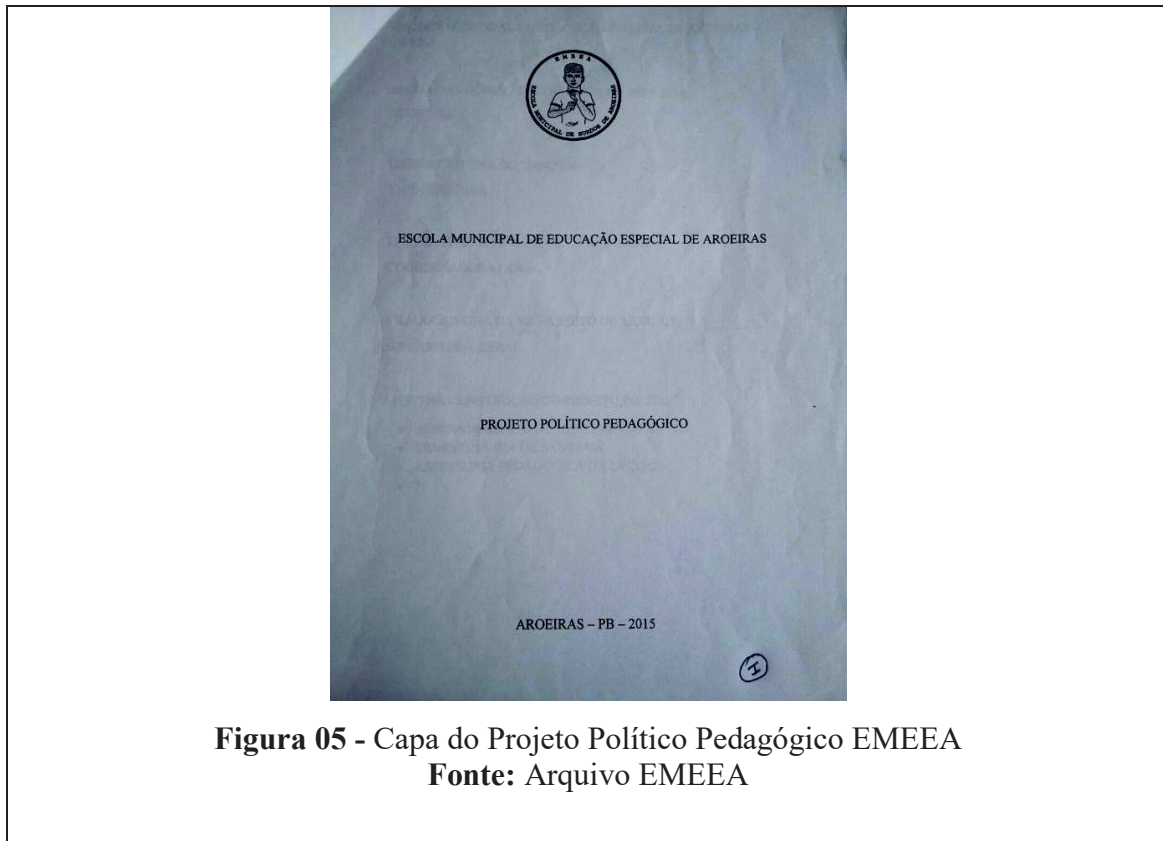


Figura 05 - Capa do Projeto Político Pedagógico EMEEA
Fonte: Arquivo EMEEA

Todavia, talvez a maior discordância entre as representações gestoras esteja relacionada ao histórico da fundação das duas escolas: quem surgiu primeiro no município, a APAE ou a EMEEA? A Figura 06, feita a partir do último e inclusivo texto do projeto de parceria, nas correções expressas, revela a dificuldade dos representantes das duas instituições em chegarem a um acordo acerca do histórico e participação das autoridades locais na fundação da APAE e da Escola de Surdos.

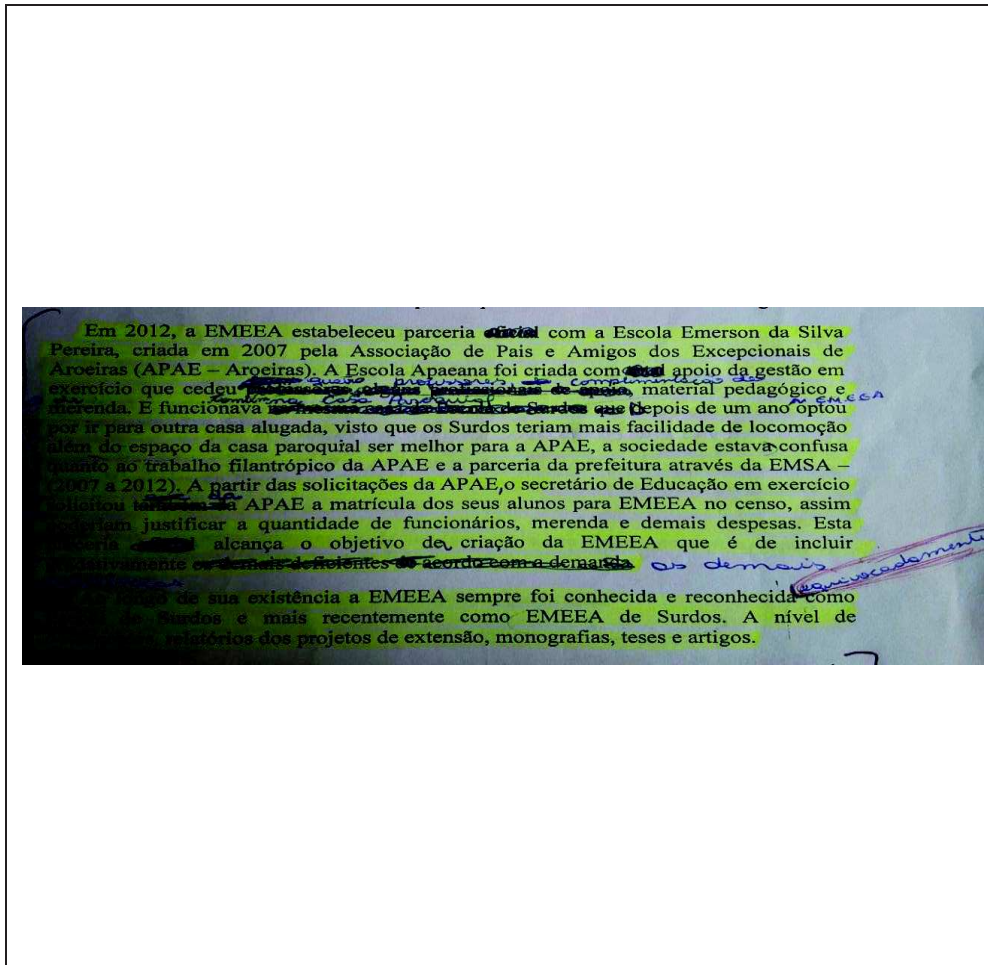


Figura 06 - Fragmento do texto do PPP da EMEEA

Fonte: Arquivo pessoal Cassia Cristina

Assim, na versão “corrigida” pela representação da APAE ficaria:

Em 2012, a EMEEA estabeleceu parceria com a Escola Emerson da Silva Pereira, criada em 2007 pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Aroeiras (APAE – Aroeiras). A Escola Apaeana foi criada com apoio da gestão em exercício, que cedeu quatro professores, complementação de material pedagógico e de merenda. E funcionava também na Casa Paroquial. Depois de um ano a EMEEA optou por ir para outra casa alugada, visto que os Surdos teriam mais facilidade de locomoção além do espaço da casa paroquial ser melhor para a APAE, a sociedade estava confusa quanto ao trabalho filantrópico da APAE e a parceria da prefeitura através da EMSA – (2007 a 2012). A partir das solicitações da APAE, o secretário de Educação em exercício solicitou da APAE a matrícula dos seus alunos para EMEEA no censo, assim poderiam justificar a quantidade de funcionários, merenda e demais despesas. Esta parceria alcança o objetivo de criação da EMEEA que é de incluir gradativamente as demais deficiências (PPP EMEEA, 2015, p. 7).

Passados cerca de 02 (dois) anos da última reunião que objetiva finalizar o texto do projeto que viabilizaria a parceria entre as duas escolas especiais, não houve progresso; os representantes ainda estão discutindo sem chegarem a um acordo.

E ao final, a dificuldade de “aparar arestas” representa perdas e prejuízo pedagógico para todas as pessoas com deficiência do município de Aroeiras e áreas no entorno que poderiam ser assistidas com maior oferta de vagas, acesso a Políticas Públicas e recursos financeiros.



CAPÍTULO III

3. A SURDEZ ADQUIRIDA NO LIMAR DA LÍNGUA(GEM) OROFACIAL E A LINGUA(GEM) VISOGESTUAL: HISTÓRIA DE UMA VIDA

3.1. CAMINHOS TRILHADOS: TIPIFICANDO A PESQUISA

Esta pesquisa, metodologicamente, pode ser tipificada quanto de natureza exploratória e descritiva em relação aos objetivos, visto buscar conhecer sobre uma dada problemática. Quanto à pergunta pode ser definida como do tipo Estudo de Caso, já que objetiva aprofundar o conhecimento de uma situação específica. E como a pesquisa de campo tinha como recorte um sujeito com surdez adquirida, pode-se também dizer que há uma breve incursão na pesquisa do tipo História de Vida, a medida que procuramos situar a trajetória de vida do sujeito pesquisado.

Por se tratar de uma pesquisa educacional utilizamos a abordagem de cunho qualitativo desenvolvida a partir de uma fundamentação bibliográfica e documental. Para aprimorar o olhar apoiamos o nosso estudo na observação direta e estruturada com os resultados apresentados em uma descrição detalhada, aproximando-se do relato do tipo etnográfico, técnica que consideramos mais adequada como meio de atingir os objetivos propostos com maior fidelidade. Para a coleta dos dados usamos como instrumento, entrevistas (semiestruturadas) e observação direta.

Apresentaremos nesse capítulo os dados coletados a partir da observação e das entrevistas, bem como suas respectivas análises. Iniciaremos apresentando a história de vida do sujeito pesquisado e as falas dos demais sujeitos envolvidos na situação estudada. A fim de preservar as identidades dos entrevistados optamos pela utilização de nomes fictícios, mas em relação ao sujeito pesquisado, Vandinaldo Ribeiro Leite, nos foi autorizado pelo mesmo o uso do seu verdadeiro nome – conforme termo de autorização em anexo (ver Apêndice L). Deste modo, aqui descrevemos o que foi observado durante o período da pesquisa de campo, a partir do registro dos momentos mais significativos e que chamaram mais a nossa atenção. Além de alguns fatos bastante relevantes na continuidade dessas observações, a exemplo da grande conquista de Vandinaldo: ingressar no curso de Educação Física na Universidade Estadual da Paraíba. Atualmente cursando o 7º (sétimo) período _ com pedido de adiantamento de curso e apresentação de TCC, representa para nosso sujeito do estudo a concretização de um dos seus objetivos na vida, por ele anunciado numa das entrevistas realizada em maio de 2012: ser professor de educação física.

3.2 - Apresentação do sujeito da pesquisa

Vandinaldo Ribeiro Leite, nascido, criado e ainda morador da cidade de Aroeiras-PB, é um jovem de 24 (vinte e quatro) anos⁸ que sofreu perda total da audição aos 10 (dez) anos de idade em decorrência do agravamento de uma gripe mal curada que “caminhou” para o desenvolvimento de uma doença conhecida por Meningite⁹, que no caso do mesmo deixou como seqüela um quadro clínico diagnosticado como “Surdez Profunda Bilateral”, conforme laudo médico (ver anexo A).

Com a perda auditiva, Vandinaldo passou por um período de “isolamento social”, o mesmo recusava-se a sair de casa, até mesmo para ir à escola. Este foi um fator marcante em sua vida estudantil, já que sempre foi um garoto muito esforçado nos estudos, como comprovamos nos relatos dos professores/as entrevistados/as. Como a doença ocorreu no período peculiar da vida escolar, ano em que o mesmo deveria ingressar na 5ª série ginásial (atualmente o 6º ano do Fundamental II), mudar de escola e todo o novo que viria, tornou a surdez um obstáculo muito maior.

Após passar por um período muito doloroso, para ele e para todas as pessoas do seu convívio, muitas mudanças foram necessárias, dentre estas a necessidade de aprender novas formas de se comunicar. Para tanto, Vandinaldo aprendeu a fazer leitura labial e desenvolveu “sinais próprios”: gestos, mímicas, expressões faciais e corporais que o ajudaram a interagir e a inter-relacionar-se. Assim, ao longo de mais de 06 (seis) anos frequentou a escola, cursando o ginásial e quase todo o ensino médio com o “arsenal” comunicativo que ele próprio criara. O ingresso na Escola Municipal de Surdos¹⁰ só viria a acontecer aos 16 (dezesesseis) anos, em fase da conclusão do ensino médio.

O ingresso na nova escola permitiu a Vandinaldo, a princípio, o aprendizado dos sinais básicos: “licença”, “obrigado”, “desculpa”, “por favor”, “bom dia”, “boa tarde”, “água”, “banheiro” e outros sinais necessários à comunicação básica, denominados “Sinais do

⁸ No período que iniciamos a pesquisa, Vandinaldo estava prestes a completar 21 (vinte e um) anos de idade. Em decorrência de uma série de fatores que inviabilizaram a conclusão do TCC, podemos retomar a conversa com nosso sujeito e verificar que este interstício ocorreram muitas e significativas mudanças na vida do mesmo.

⁹ A Meningite é uma infecção das “meninges” causada por vírus ou bactéria. Doença extremamente severa, ataca a medula espinhal, as membranas que protegem o encéfalo e o sistema nervoso central (parte dele). No caso da Meningite Bacteriana pode ser provocada por qualquer quadro infeccioso grave associado ao ouvido ou as vias respiratórias. Como a doença provoca lesões neurológicas, as seqüelas são graves, dentre elas está a perda da audição parcial à surdez total.

¹⁰ Oficialmente o município de Aroeiras não tem uma Escola de Surdos, desse modo a “Escola Municipal de Educação Especial de Aroeiras (EMEEA)” atende exclusivamente a pessoas Surdas. Os demais educandos com deficiência (intelectual e múltiplas) do município são atendidos na Associação de Pais e Amigos de Excepcionais, APAE-Aroeiras-PB.

Cotidiano”. Ao mesmo tempo aprendeu o alfabeto manual e os numerais em Língua de Sinais e foi sendo envolvido nas particularidades da Cultura Surda.

A partir de então foi aprimorando cada vez mais sua capacidade comunicativa, participando em diversas atividades específicas: eventos e torneios esportivos promovidos pelas Associações de Surdos do Estado da Paraíba, a exemplo da Associação de Surdos de Campina Grande, Associação de Surdos de Queimadas e Associação de Surdos de Gado Bravo. Hoje continua seus estudos e atua como colaborador nas atividades que são desenvolvidas na EMEEA. Declara pretender ser um professor (instrutor¹¹) de Língua de Sinais, e dessa forma continuar sua trajetória contributiva na área da educação de Surdos.

3.3 – Apropriando-se da história de vida de Vandinaldo

O contexto que se constituiu como “universo” da pesquisa, foi o curso de Formação em Língua de Sinais oferecido pela Associação de Surdos de Campina Grande (ASCG), ministrado na Escola de Surdos do município de Aroeiras, que tinha como público alvo: pessoas ouvintes em geral que demonstrassem interesse em aprender essa forma de comunicação. Razão pela qual matriculei-me no curso: aprender a Língua de Sinais.

De modo geral, o curso de Formação em Língua de Sinais tem um conteúdo mais amplo, a medida que inclui além do aprendizado dos sinais do cotidiano da Comunidade Surda brasileira, o aprendizado dos sinais do cotidiano utilizados por Comunidades Surdas em outros países, a história da Cultura e Identidade Surda e a base legal (leis, documentos, diretrizes e parâmetros) que amparam a pessoa Surda. Tudo na perspectiva da formação inicial.

Assim, as atividades foram iniciadas no segundo semestre do ano de 2010, dividido inicialmente, em três níveis, cada qual com duração de aproximadamente quatro meses, com um encontro semanal (nas quartas-feiras à tarde). Ao longo do desenvolvimento do curso, tendo em vista a distância e o local onde funcionava, foi necessário mudar o local dos encontros passando a acontecerem no prédio onde estava instalada a APAE de Aroeiras, no mesmo horário e dia da semana.

O curso foi ministrado por uma instrutora Surda, a qual chamaremos pelo nome fictício de “Alice”, uma das informantes dessa pesquisa. A referida instrutora atualmente é

¹¹ De acordo com o Decreto Lei Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, o “instrutor” é o usuário da Língua de Sinais com formação de nível médio, com certificado de proficiência em Libras concedido pelo Ministério da Educação. Portanto, apto a ministrar o ensino da língua de sinais.

professora concursada no município de Aroeiras e ministra aulas de Libras no Ensino Fundamental II em uma escola “regular” inclusiva.

Foi no decorrer do curso de Formação em Língua de Sinais que passei a ter contato mais próximo/direto com o sujeito pesquisado, o que aconteceu ao longo dos dois primeiros níveis do curso (o mesmo não concluiu o terceiro nível), entre 21 de setembro de 2010 a 07 de dezembro de 2011, com intervalo de férias entre os níveis.

Vandinaldo, o sujeito pesquisado, já me era conhecido desde o ano de 2008 quando o mesmo esteve em um Seminário realizado pela APAE-Aroeiras, como convidado da escola que atendia aos Surdos de Aroeiras, para conhecer a “Cultura Surda”. Na ocasião não houve qualquer tipo de aproximação direta, apenas foi possível observar – superficialmente – o comportamento do mesmo. Posteriormente passei a vê-lo nas festas locais, sempre acompanhado de amigos “ouvintes”, fato que me chamava atenção, já sentia curiosidade em saber como um Surdo relacionava-se apenas com ouvintes sem fazer uso da linguagem sinalizada.

Assim, ao longo de 02 (dois) anos mantive essa curiosidade “pessoal-pedagógica¹²”, sem qualquer motivação de caráter científico, até porque estava apenas no início do curso de Pedagogia, e a curiosidade era apenas por conhecer os porquês daquele sujeito: não sinalizar, permanecer oralizando, não relacionar-se com outros Surdos, ...

No ano de 2008 ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), gradativamente a curiosidade “pessoal-pedagógica” foi transformando-se em científica à medida que meu universo teórico/cognitivo foi sendo ampliado passando a “olhar” para Vandinaldo com “outros olhos”. Esse processo se deu a partir do contato com os conteúdos dos componentes curriculares: “Educação Especial”, “Currículo” e “Pesquisa em Educação”, respectivamente por terem me colocado, teoricamente, “a par” das temáticas da identidade, inclusão educacional e da necessidade de elaboração de um pré-projeto de pesquisa. Desse modo, ao encontrar com Vandinaldo como colega de curso vi materializar-se a constituição de um objeto de pesquisa: conhecer com maior profundidade a surdez adquirida e a identidade surda. Processo acerca do qual passaremos a falar a seguir.

¹² No ano de 2007 recebi um convite de um dos membros da APAE-Aroeiras para trabalhar com música voltada para o ensino religiosos - projeto que se efetivou por uma série de questões institucionais internas. Em 2008 passei a atuar como recriadora voluntária da instituição, responsável por desenvolver atividades de pedagógicas com um caráter lúdico, voltadas para a aprendizagem com o intuito de ensinar, divertir, entreter ou apenas recrear.

3.4 – O Surdo “Pós-Linguístico” e a Identidade Surda – Relato de uma observação

Na primeira aula do curso de Libras Vandinaldo foi convidado pela intérprete (voluntária), para se expressar – caso fosse de sua vontade, o que instrutora/professora Surda nos falava, porém ele não quis, pois parecia um pouco tímido ao ser solicitado para falar em público.

No decorrer das aulas ele foi fazendo amizades e conversando mais com os colegas do curso – sempre oralizando e fazendo leitura labial. Por ser oralizado, ele sempre nos auxiliava na comunicação com a instrutora/professora, já que no curso não tínhamos intérprete permanente.

Em uma das aulas, em que os colegas tentavam entender as questões de ser Surdo, de oralizar ou não; ele falou (oralizando), que tinha ficado Surdo aos 10 anos de idade, e por isso sabia falar muitas palavras da Língua Portuguesa.

Quando solicitado pela professora, para realizar os sinais nas aulas, ele se comportava como se, por ser Surdo e já saber realizar muitos sinais, não precisasse realizá-los. Porém a instrutora/professora insistia e ele (rindo), acabava realizando os sinais solicitados por ela. Constantemente perguntávamos novos sinais e ele nos ensinava como realizá-los corretamente. Quando tinha dúvida ou não sabia, ele perguntava para Alice, de forma que todos nós aprendíamos juntos.

Pudemos perceber que quando Vandinaldo estava conversando com seu colega Israel (Surdo), ele utilizava a Língua de Sinais com bastante facilidade na comunicação. Certa vez, Vandinaldo oralizava com uma colega, e a instrutora/professora percebeu; então falou que era para ele falar em Língua de Sinais para que os demais pudessem aprender. Ele por sua vez, disse que em casa falava oralizando; a instrutora/professora então falou que em casa podia, era problema dele, mas que ali ela era a professora e ele tinha que falar em Língua de Sinais.

Vandinaldo sempre estava com o celular na mão (passando mensagens). Após a repreensão da instrutora/professora ele não oralizava sem antes olhar para ela, precisava se certificar de que ela não iria vê-lo oralizando. E quando algum colega tocava nele, antes de olhar para o colega, ele olhava para a instrutora/professora. Pois já esperava uma repreensão por estar passando mensagem na hora da explicação da aula. Tudo isso ocorria, porém em clima de descontração e não de rigidez plena.

Em uma ocasião em que esperávamos a nossa vez para realizar a prova, aproveitávamos para estudar um pouco mais. Então Vandinaldo, por ter deixado sua apostila em casa, estudava com a minha. Revisava, entre outros conteúdos, as expressões faciais

(afirmativa, negativa, exclamativa, interrogativa). Na hora da prova ele demonstrou bastante concentração, sempre tirando dúvidas com a instrutora/professora Alice; lendo o enunciado das questões com calma.

Durante o longo período de observações/produções, tivemos a comprovação de que Vandinaldo é um ser dividido entre as duas formas de comunicação (a língua oral e a de sinais). Acreditamos que para ele, seja bastante difícil abandonar a oralidade para se dedicar apenas a Língua de Sinais.

Dessa experiência foi possível perceber que Vandinaldo apresentava dupla pertença identitária e tal modo se identifica com as duas formas de comunicação: oralizada e sinalizada. Em síntese, nosso sujeito de estudo é surdo pós-linguístico, faz uma excelente leitura labial, prevalecendo a oralidade como forma de comunicação, da qual faz uso no seu cotidiano. Portanto, considerando todas as identidades surdas identificadas em nossa pesquisa, acreditamos que ele se encaixe na **Identidade Surda híbrida** – que dizemos que os surdos que nasceram ouvintes e com o tempo alguma doença ou acidente os deixaram Surdos.

Vandinaldo não pode ser categorizado como de **Identidade Surda de transição** a medida que este tipo de identidade tem como principal característica a vivência constante em um “momento de trânsito” entre uma identidade e outra. Geralmente a aquisição da cultura surda não se dá na infância, para a maioria dos surdos se faz necessário passar por este momento de transição, visto que grande parte deles são filhos de pais ouvintes. Assim, quando esses surdos conseguem contato com a comunidade surda, a situação muda e eles passam pela **des-ouvintização**, ou seja, rejeição da representação da identidade ouvinte – fato que não aconteceu com Vandinaldo. Como a sua surdez ocorreu numa idade na qual o mesmo já conhecia a estrutura do português falado, ou seja, dominava envio e/ou a captação da mensagem na forma da língua oral, contribuiu para que assimilasse um pouco mais a língua falada, que os demais Surdos, porém apresenta dificuldade de entendê-la em algumas circunstâncias. Razão pela qual, apesar de oralizar, fazer uso da tecnologia para enviar mensagens via celular e outras redes sociais, precisou de intérprete quando ingressou na universidade para que pudesse desenvolver-se melhor suas habilidades.

Todavia, sua condição de surdez adquirida faz com que o mesmo ainda se sinta dividido entre os costumes das comunidades surdas e ouvintes. Vale salientar que seria de importância indiscutível, Vandinaldo desenvolver uma linguagem adequada à sua atual condição de Surdo, pois acreditamos que seja bastante complexa essa situação de constante divisão entre as culturas surda e ouvinte. Como ele mesmo relata em suas entrevistas, se enxerga como sendo metade ouvinte e metade Surdo.

Em conversa com alguns surdos natos, com pertencas de cultura e identidade surdas, confirmamos ser essencial para que um surdo seja mais forte na sua identidade de surdo, que ele não só aprenda, mas faça uso da Língua de Sinais sempre e a tenha como prioridade em sua forma de se comunicar com o mundo. Pelo que pudemos perceber em nossa pesquisa, ele usa a Língua de Sinais apenas como um apoio fundamental à sua atual condição de Surdo.

3.5 - O que dizem os atores envolvidos

Para a nossa pesquisa o uso das “falas” de/as professores/as, membros da família e do próprio Surdo sobre a surdez e suas consequências foram primordiais para pudemos perceber de modo mais nítido a história de vida, como se deu o processo de superação das dificuldades e as redefinições de rumo.

As falas que serão apresentadas a seguir resultam das entrevistas realizadas ao longo de vários meses com professores/as e familiares de Vandinaldo. Em linhas gerais disseram em suas falas, que o mesmo sempre foi um garoto muito educado e estudioso, que “não dava trabalho na escola, tão pouco na convivência familiar”. Porém que o período em que ele adoeceu e veio a perder a audição, foi um momento muito difícil para todos aqueles com os quais tinham uma ligação mais próxima. Sem sombra de dúvida, foi realmente um marco em suas vidas, fazendo com que atitudes tivessem que ser tomadas para dar o suporte necessário naquele momento tão delicado.

Então, as falas que serão descritas nos itens a seguir foram indispensáveis para termos acesso as informações, que de alguma maneira se destacaram na conversa com o sujeito-objeto do nosso do trabalho.

3.5.1 – “Fala” Vandinaldo: relato do “dito” (oralizado e/ou sinalizado)

Ao entrevistarmos Vandinaldo, a primeira impressão que tivemos foi do quanto o mesmo ainda se mantém “preso” ao seu passado de pessoa orofacial, sempre muito exigente em relação ao modo como suas respostas oralizadas e sinalizadas haviam saído, solicitando que as perguntas fossem refeitas e gravadas novamente.

O roteiro da entrevista (semiestruturado) foi previamente apresentado para Vandinaldo, por solicitação do mesmo. Posteriormente constatamos que o objetivo do mesmo era apropriar-se tanto do conteúdo quanto das palavras que compunham as perguntas

objetivando memorizá-las com o intuito de não aparentar incompreensão no ato do questionamento e das suas respostas.

A entrevista aconteceu no início de uma tarde, não tendo ultrapassado mais que duas horas. A princípio mostrou-se envergonhado, rindo muito. Fazendo com que fosse necessário a intérprete chamar sua atenção. Segue uma explanação da conversa realizada com Vandinaldo.

A nossa primeira indagação: “Você nasceu Surdo?” Respondeu-me o seguinte:

Não! Eu nasci ouvinte... quando eu tinha dez anos de idade, eu fiquei doente... e aí, minha mãe me levou pra o hospital, lá em Campina Grande... e aí o médico constatou que eu tinha perdido a audição. Hoje eu sou Surdo.

Vandinaldo

Quanto ao seu nível de escolaridade, Vandinaldo respondeu brevemente:

Eu já concluí o ensino médio, e hoje eu... desde 2009, desde 2009 concluí o ensino médio.

Vandinaldo

Indagamos sobre as escolas que Vandinaldo havia estudado, se frequentou escolas inclusivas ou bilíngues para Surdos. Ele nos respondeu da seguinte forma:

É... eu estudei sempre numa escola estadual, é... numa escola de ouvinte... numa escola regular de ouvinte, desde o primeiro ano. É... em 2007, eu comecei estudar na escola de Surdos... na escola de Surdos de Aroeiras... esse é o sinal da Escola Municipal de Surdos de Aroeiras [realiza sinal]. Fiquei dois anos estudando na escola de Surdos, e aí foi quando eu aprendi Libras... eu aprendi Libras muito não, mais ou menos. Mas consigo conversar, consigo me comunicar em Libras.

Vandinaldo

Quanto aos seus atuais estudos, Vandinaldo respondeu:

É... agora eu não estudo, é... só em casa... já concluí, só estudo em casa... pra no futuro fazer vestibular... eu, eu pretendo fazer faculdade.

Vandinaldo

Sobre a forma de comunicação em que Vandinaldo foi indagado se sentia-se melhor oralizando ou usando Língua de Sinais, ele falou:

Eu gosto das duas, eu gosto de oralizar e gosto da Língua de Sinais, porque na... com a Língua de Sinais, eu posso conversar com as pessoas Surdas, é... mas não posso conversar com os ouvintes... não posso falar, oralizar com os

Surdos, mas os ouvintes não me entendem se eu falar com a Língua de Sinais. Eu gosto de oralizar porque as pessoas ouvintes, é... conseguem me compreender, me escutam... que elas não sabem Libras... e aí... é mais fácil me comunicar com elas oralizando.

Vandinaldo

Perguntamos sobre os amigos de Vandinaldo, se a maioria eram Surdos ou ouvintes, ele respondeu:

Eu tenho muitos amigos ouvintes... eu conheço poucas pessoas Surdas... a maioria dos meus amigos são ouvintes.

Vandinaldo

Propomos que Vandinaldo falasse um pouco sobre a época em que adquiriu a surdez, e ele faz algumas colocações:

[...] no começo foi muito difícil, eu queria falar, eu não conseguia ouvir... eu falava e as pessoas ficavam todo mundo olhando pra mim, falando... eu percebia que elas tavam falando alguma coisa de mim, [...] porque a minha voz não ficou mais a mesma, eu creio [...] no início dessa perda auditiva, que foi total, no caso eu não fiquei escutando nada, na escola num era fácil não... eu tentava fazer por onde escutar as pessoas, mas num conseguia, e era eu sozinho de Surdo na sala... eu sentia muita vergonha. Depois, com o passar dos anos eu fui deixando pra lá essa história de que eu queria ser ouvinte dinovo e hoje eu sou muito feliz! Hoje pra mim isso é normal.

Vandinaldo

Quanto a sua chegada à escola de Surdos, Vandinaldo falou:

Quando eu cheguei, eu não conhecia Libras, eu não tive uma identidade. E aí chegou uma mulher em casa, era a diretora da escola de Surdos na época, [...] me perguntando se eu queria estudar e aprender Libras [...] eu aceitei. Em 2007 eu comecei [...] dois anos depois eu já sabia Libras [...] fiz o curso de Libras que é através da Associação de Surdos de Campina Grande [...] é importante conhecer a comunidade surda, a cultura surda [...] porque no futuro quem sabe se, dependendo dos meus estudos, eu possa trabalhar e ser por exemplo, um professor, um intérprete, é... ensinar às pessoas ouvintes ou Surdas, a Língua de Sinais.

Vandinaldo

Ao longo da nossa conversa as pausas foram constantes, tanto para que a intérprete fizesse a mediação da fala, tanto por apresentar algumas falhas de memória em relação aos fatos perguntados ou simplesmente para lembrar como executar algum sinal. Não apresentou qualquer tipo de resistência ou objeção a dar qualquer tipo de resposta. Vez ou outra, quando demonstrava não compreender a pergunta ou respondia com lacunas, a intérprete que já o conhecia há alguns anos, sempre chamava sua atenção para o fato e pedia maiores detalhes na resposta.

Em linhas gerais, passado o momento de tensão inicial a entrevista transcorreu sem qualquer tipo de problema ou interrupção. O roteiro não foi seguido ao “pé da letra” visto que, à medida que conversávamos outras questões foram surgindo. Disse-nos Vandinaldo que no início da sua surdez teve muita dificuldade de adaptação a sua nova condição, que chamou de “início da aquisição da surdez”. Revelou que foi muito difícil para ele aceitar essa nova forma de viver e de se comunicar. Disse-nos ter sentido vergonha de falar em público, porque percebia que as pessoas estranhavam a maneira como ele falava. Ele sabia que a sua fala não estava mais como antes, pois tinha dificuldades em oralizar. Além disso, não tinha mais noção de como estava o seu timbre de voz, já que não mais podia ouvir o som de sua própria voz. Com o passar do tempo ele foi se aceitando como Surdo e deixando de lado a vontade de ainda ser ouvinte – dia a dia tomava consciência de que realmente havia perdido a audição. Com o passar dos anos foi percebendo que poderia ser feliz assim, conhecer outras pessoas e outras culturas.

3.5.2 - Falaram os familiares e ex-professores/as de Vandinaldo

As entrevistas, que aconteceram mediadas por um roteiro previamente elaborado, foram realizadas, separadamente e em dias diferentes, com 04 (quatro) dos seus professores que fizeram parte da vida escolar do sujeito pesquisado em distintos momentos e dois dos seus familiares, a mãe e uma irmã. Estas entrevistas foram registradas na modalidade oral e gravadas em áudio. Já as entrevistas com os Surdos, Vandinaldo e a Profa. Alice foram registradas através de gravação em vídeo com o auxílio de intérpretes da Língua de Sinais. As quais passaremos a apresentar os resultados das falas, em parte, iniciando pelos familiares do sujeito-objeto da nossa investigação.

Ao questionarmos a irmã de Vandinaldo sobre sua infância ela respondeu:

Ele sentia um pouco de dificuldade porque não escutava, mais... foi normal... ele já tinha os amigos dele, já... já... é, foi normal... num tenho nada a falar não.

Irmã

Já em relação a convivência em casa e a forma de comunicação utilizada, ela responde:

A labial [pergunta: leitura labial?] Anhan.

Irmã

Quando questionada sobre o fato de sentirem alguma dificuldade na comunicação, alguma falha, ela responde:

Com ele, as vezes ele não entende, mas a gente dá um jeito e acaba [falo: sempre entende?] é [falo: usando mímica ou...] é, ou Libras mesmo. Algumas coisas que a gente sabe.

Irmã

Ao ser questionada se aprendeu ou pretende aprender Língua de Sinais, ela responde:

Pretendo aprender! [risos]

Irmã

Já a mãe de Vandinaldo quando questionada sobre a infância do filho respondeu:

[...] ele sempre foi um... um menino bom vi? Um filho que num me deu trabalho graças a Deus; Até hoje num tá me dano trabalho ainda, o que mais deu mesmo foi essa história de doença né [...] Mas em caso assim dele ser um filho, como é que diz? Obediente né?... unido com 'as irmã' [...] o q'eu tenho pra dizer pra ele... que pra mim ele... ele é maravilha. [falo: que bom, graças a Deus!]

Mãe

Sobre a convivência em casa e a forma de comunicação utilizada, a mãe falou:

Eu como to acostuada com ele já né? Eu sempre eu falo sabe? Ele entende assim pelo meu... meu lábio né... [falo: pela leitura labial?] é... e 'as vez' assim, q'ele não entende, o q'eu sei fazer pra ele assim, entender... ele entende né... [falo: em sinais ou...] sinais é!

Mãe

Quando questionada se aprendeu ou pretendia aprender Língua de Sinais, ela respondeu:

Ah, eu pretendo, só que tem que a minha idade já 'tá' avançada [risos]... [falo: aí a senhora acredita que por ser de idade já, não consegue aprender mais?] É, não tem mais paciência.

Mãe

Em relação aos professores, como já foi colocado, selecionamos 04 (quatro) profissionais que conviveram com Vandinaldo ao longo de sua formação na Educação Básica e na Escola de Surdos. A escolha se deu orientada pelo papel significativo que os mesmos desempenharam no processo de adaptação a vida de Surdo e a aquisição da Língua e da Cultura Surda, a saber:

- a) A professora com a qual estudava no período em que adquiriu a surdez – na época a 4ª série primária. E como o fato aconteceu no período das férias escolares, essa professora teve papel fundamental no processo de readaptação e volta à vida escolar de Vandinaldo. Sabendo do caso, a professora – a quem chamaremos pelo fictício de **Lourdes** – levou livros de literatura infanto-juvenil e cordel para que o mesmo lesse em voz alta para sua mãe, com a intenção de ajudá-lo a continuar praticando a fala, mantendo a voz.
- b) Um dos professores com a qual estudou no Ensino Médio, cuja escolha se deu pelo fato do mesmo ter tido papel fundamental na vida escolar de Vandinaldo, visto ter funcionado como um tipo de “intérprete” para o mesmo – fazia uma interlocução. O professor, a quem chamaremos pelo nome fictício de **Renato**, tinha um curso básico de Libras e muitos amigos Surdos, o que permitiu “socorrer” Vandinaldo quando o mesmo precisava ou enfrentava algum tipo de dificuldade de comunicação.
- c) O professor (ouvinte) com o qual estudou na Escola de Surdos de Aroeiras, chamaremos pelo nome fictício de **Pedro**.
- d) A professora (Surda) com a qual estudou na Escola de Surdos de Aroeiras, já nominada de **Alice**.

Seguindo o roteiro para a entrevista, nos encontramos com esses profissionais, um por vez. Iniciaremos apresentando os resultados a partir da nossa conversa com a Profa. Lourdes (professora com a qual estudava no período em que adquiriu a surdez). Perguntarmos a mesma sobre o período que conviveu com Vandinaldo (qual a idade dele na época, qual a série/ano), ela respondeu:

É... a idade certa assim eu não tenho certeza... era entre dez e onze anos! E ele fez a quarta série... que hoje é o quinto ano né?

Profa. Lourdes

Sobre o comportamento de Vandinaldo na escola a professora respondeu:

Aluno nota dez, super comportado, educado, muito é... comprometido, com as tarefas! Muito preocupado... sempre que realizava alguma tarefa... trabalho mesmo, antes de entregar ele pedia que eu fizesse uma revisão... [risos] professora, dê uma olhadinha aqui, porque se tiver alguma coisa errada, eu quero consertar... [...] um aluno maravilhoso, maravilhoso... se dava muito bem com todo mundo.

Profa. Lourdes

Ao ser questionada sobre a surdez de Vandinaldo, a professora falou:

É, apesar do meu contato assim, ser muito pouco né, após o incidente né, como é q'eu posso dizer... eu acho de início, foi muito difícil tanto pra ele quanto pras pessoas próximas. Porque foi um choque muito grande né, uma criança normal, uma criança super educada, calma, [...] e de repente você se vê 'numa' situação sem experiência de como agir diante daquela nova situação né? [...] com o tempo eu comecei a observar, apesar de não vê-lo frequentemente, q'ele começou a interagir mais... que antes ele não queria sair de casa... não queria voltar à escola [...] depois ele foi aceitando isso e... foi aprendendo a conviver né... com as novas limitações que a vida estava propondo, mas q'ele poderia vencer não é?

Profa. Lourdes

Quando foi questionada sobre o acompanhamento de Vandinaldo em sala de aula, na época em que adquiriu a surdez, a professora responde:

Não, não! Ele concluiu a primeira fase do fundamental comigo [falo: certo!] concluiu em dezembro, entre janeiro e fevereiro, nesse período de férias aconteceu o episódio.

Profa. Lourdes

Ao ser questionada sobre os meios que utilizou para ajudar seu ex-aluno, a professora respondeu:

Ah! Quando a mãe dele me falou q'ele não queria em hipótese alguma, retornar à escola né... uma mistura de medo, acho que uma mistura de vergonha também né? De repente se vê assim não tendo aquela mesma capacidade de acompanhar os amigos... aí o que eu pude fazer de imediato foi selecionar uns livros q'eu tinha em casa... literatura de cordel, uns livros de literatura cativante né? E levei, pedi pra que ele ficasse lendo oralmente pra ele não ir perdendo a facilidade de usar a voz [...] inicialmente ele falava assim... muito alto porque ele não tinha...[falo: noção de como estava saindo a voz] noção do timbre da voz exatamente!

Profa. Lourdes

Quando questionada se, tendo passado por essa experiência com seu aluno, se chegou a aprender a Língua de Sinais ou pretende aprender, ela responde:

Sinceramente não aprendi, mas olhe, acho fundamental pra todo e qualquer educador! Acho extremamente importante!

Profa. Lourdes

Da nossa entrevista com o Prof. Pedro (professor ouvinte da Escola de Surdos de Aroeiras) os resultados da nossa conversa foram os seguintes: perguntarmos com quantos anos Vandinaldo havia chegado à escola de Surdos, ele respondeu:

Bom, nós tivemos contato com ele, desde quando a gente começou a implantar a escola, o processo de implantação, isso entre 2005 e 2006. A gente visitou a casa dele lá, conversou com ele e com a mãe dele, pedimos pra que ele viesse à escola que estava pra ser criada, e... ele estava cursando o ensino médio e no primeiro momento achou melhor continuar onde ele estava estudando com ouvintes, que ele por ter a oralização e ter a leitura labial, ele conseguiu interagir com os demais colegas e também compreender o que estava sendo passado pelos professores [...] ele fez o exame de audiometria confirmando a surdez e só, entre 2007 e 2008 que ele começou a frequentar realmente a escola de Surdos né... eu acredito que ele devia estar entre 16 e 17 anos.

Prof. Pedro

Já quando perguntamos como foram os primeiros dias de aula de Vandinaldo, o professor respondeu:

Bom, quando ele começou a frequentar, [...] vimos que ele era uma pessoa super dedicada, super estudiosa [...] estava sempre curioso, querendo aprender, querendo conhecer a Língua de Sinais, e ele teve um facilitador que era, a... leitura labial e a oralização né, q'ele oralizava super bem [...] quem não sabe que ele tem a perda auditiva, ele passa como um ouvinte normal né, naturalmente.

Prof. Pedro

Quando questionamos se Vandinaldo oralizava durante as aulas ou falava em Língua de Sinais, ele respondeu:

Sim a gente usava de preferência a Língua de Sinais, e... quando ele tinha dúvida na sinalização aí ele perguntava oralizando né, [...] usando a língua oral.

Prof. Pedro

Perguntamos então a opinião do professor sobre seu ex-aluno Vandinaldo, e ele respondeu:

Hoje eu vejo ele como uma espécie de líder, que ele é uma pessoa inteligente, ele é um rapaz jovem, [...] já tem o seu ensino médio completo, tem a Língua de Sinais, e é uma pessoa que, se ele se interessar e quiser continuar com os estudos dele, em uma Universidade [...] Letras-Libras,

ele... tem tudo a crescer, porque ele é um menino estudioso, [...] que procura fazer sempre o bem, tanto pra ele como pra o seu semelhante.

Prof. Pedro

Perguntas semelhantes foram feitas a para a Profa. Alice (professora Surda da Escola de Surdos de Aroeiras). Iniciamos perguntando como foram os primeiros dias de aula de Vandinaldo na escola de Surdos. Ela então nos respondeu:

Começou... o básico né, [...] o alfabeto; conhecer a sinalização; a... a língua, a Libras né isso? Que isso tudo era novo pra ele, que ele tinha conhecimento mais da... oralização. Então, foi um trabalho, básico como ensinar o alfabeto, os números... conhecer tudo isso era novo pra ele, e ele foi aprendendo... rapidamente ele foi avançando.

Profa. Alice

Ao questionarmos se Vandinaldo oralizava durante as aulas ou falava apenas em Língua de Sinais, ela nos respondeu:

Só, usava a Língua de Sinais, que a minha disciplina é a Libras; só usava a Língua de Sinais.

Profa. Alice

Perguntamos então, o que ela tinha a dizer sobre Vandinaldo hoje, e ela nos respondeu o seguinte:

Bom! Na minha opinião, foi muito bom ele estar aqui participando; ter aprendido; ter vindo aqui na escola; ter conhecido essa... a Língua de Sinais, e... o futuro dele; ele é... é um menino muito educado e estudioso; então ele tem todas as oportunidades de trabalhar e de ensinar... vir a ser um instrutor, um professor aqui na... em Aroeiras. Ele tem vontade [...] de aprender... é um menino que vai ter um futuro bom, se ele continuar estudando.

Profa. Alice

No caso do ex-professor do Ensino Médio, Prof. Renato, iniciamos perguntando como era a convivência de Vandinaldo com os colegas em sala de aula. Ele nos respondeu o seguinte:

Vandinaldo, ele tinha uma convivência normal... O fato dele ser Surdo, não interferia no relacionamento. É... sempre tinha aquelas brincadeiras né isso? [Anhan] o Surdo; o mudo; que sempre há! É comum entre os estudantes [...] tem pessoas que entendem como agressão, mas muitas vezes nós que temos um convívio com ele, vemos que não é por ser Surdo ou ser diferente, mas uma questão de identidade [...] coisas de pessoas muito íntimas e que têm a... a liberdade de brincar. Mas Vandinaldo, ele

participava das aulas, levantava questionamentos durante as discursões [...] em alguns momentos ele manifestava um pouco de timidez [...] mas um aluno excelente, exemplar... e que conseguiu sim, estabelecer, relacionamentos, eu diria até bem complexos dentro de sala de aula, tanto com o professor como com os colegas.

Prof. Renato

Ao indagarmos com se dava a comunicação durante as aulas, ele nos respondeu da seguinte forma:

A comunicação em sala de aula era verbalizada! O uso de Libras, só era feito em alguns momentos em que ele, não conseguia fazer a leitura labial [...] porque ele conseguia entender a aula. Sempre havia a preocupação de se direcionar a ele, estar em um local visível, um local adequado pra que ele pudesse fazer a leitura labial. Então no momento em que ele não entendia, ele me perguntava, e se chegasse o momento em que ele não conseguia entender, então eu digitava pra ele [...] pra que fosse sanado a dúvida.

Prof. Renato

Ao ser questionado sobre a participação de Vandinaldo em seminários, o professor nos respondeu o seguinte:

A participação de Vandinaldo em seminários, ela era um pouco limitada, justamente por questões de... do fato dele ser bilíngue [Anhan] muitas vezes chegava o momento em que ele estava fazendo a apresentação, e ele começava a misturar Libras! É... involuntariamente ele se encontrava fazendo Libras [...] não que houvesse assim, termos de dificuldade de aprendizado ou de fonologia... que por ele ter perdido a audição muito cedo, a desenvoltura da fala, ficou um pouco afetada. Mas ele apresentava como todos os outros em sala de aula apresentavam trabalho.

Prof. Renato

Quando questionado se na ocasião, chegou a aprender Língua de Sinais, o professor fez a seguinte colocação:

Sim! É... eu fiz cursos... né, alguns cursos capacitatórios, é... sempre gostei. Então, aprendi tanto em cursos, como no convívio com os próprios Surdos. Durante um tempo eu participei da APAE! E na própria APAE, é... nós tínhamos pessoas com deficiência auditiva, é... tenho amigos, que têm sim, é... a Língua de Sinais como língua oficial, então pra conviver com essas pessoas, eu senti a necessidade de desenvolver, a minha capacidade de comunicação com elas [Unhum] então procurei me capacitar, procurei melhorar, e hoje eu não posso dizer que sou uma pessoa que fala Libras fluentemente [Anhan] mas consigo manter sim, um diálogo, com qualquer Surdo, em qualquer local do Brasil, tranquilo.

Prof. Renato

Após termos conhecimento de todas as falas, dos envolvidos na pesquisa, podemos dizer que Vandinaldo sempre foi um estudante muito esforçado, sempre disposto a abraçar novas aprendizagens. Visivelmente é uma pessoa que não desistiu fácil de seus objetivos de vida, visto que apesar de todas as dificuldades que precisou enfrentar – devido à particularidade na forma de se comunicar – ele conseguiu “driblar” suas dificuldades desenvolvendo uma forma de aprimorar a leitura labial e manter a oralidade.

Durante o longo período de observação em nossa pesquisa, tivemos a comprovação de que Vandinaldo era sim um ser dividido entre as duas formas de comunicação (a língua oral e a de sinais). Sendo surdo pós-linguístico – já que nasceu ouvinte e veio perder a audição apenas aos dez anos de idade por conta de uma meningite –, Vandinaldo aprendeu a fazer leitura labial e continuou a oralidade como principal forma de comunicação. É possível que esta estratégia – de negação da surdez – tenha sido uma forma de “protege-se” da exposição, dos possíveis julgamentos sobre sua surdez, do preconceito. Razão pela qual, mesmo tendo passado tantos anos o mesmo ainda apresenta dificuldade em abandonar a oralidade para se comunicar, utilizando a Língua de Sinais apenas como forma de comunicação alternativa. Inclusive, o fato de ser surdo oralizado e não fazer uso constante da linguagem sinalizada faz com que as pessoas fiquem confusas ao ver/ouvir uma conversa de Vandinaldo com alguma pessoa ouvinte.

Acreditamos que a adoção da Língua de Sinais tem ajudado Vandinaldo a resolver em definitivo a complexa situação de divisão entre as Culturas Surda e ouvinte, como ele mesmo relata em suas entrevistas ao se enxergar como sendo “metade ouvinte e metade Surdo”. No início da nossa pesquisa constatamos que o mesmo usava a Língua de Sinais apenas como apoio a linguagem oral, mas gradualmente a Língua de Sinais passou a ocupar papel fundamental na sua vida, especialmente na sua atual condição de professor de Educação Física.

É interessante ressaltar, que há 02 (dois) anos atrás Vandinaldo fazia uso, preferencialmente, apenas da linguagem oral e leitura labial, não sinalizava. Por exemplo, em nossos encontros para realizar as entrevistas fizemos uso de uma intérprete. E mesmo nas nossas conversas cotidianas ele apenas oralizava, o que deixava algumas lacunas e incompreensões. E apenas quando ele percebia que havia ficado alguma lacuna, passava a sinalizar e oralizar simultaneamente para findar as dúvidas.

Hoje a situação está bastante diferente, Vandinaldo considera-se sujeito pertencente ao meio Surdo. Agora faz uso da Linguagem de Sinais e com bastante fluência. E o mais importante, ao passar a usar com maestria a comunicação sinalizada, alcançou um papel de

destaque: tornou-se uma espécie de líder dos Surdos de Aroeiras e Gado Bravo. Ressaltando que o mesmo está ocupando o cargo de professor de Educação Física na Escola Municipal de Surdos de Gado Bravo – EMSGB, também ocupa o cargo de professor substituto da Escola Municipal de Educação Especial de Aroeiras – EMEEA e está à frente do time de futsal da referida escola. E outra conquista, Vandinaldo também está atuando como secretário particular da coordenação da Escola Municipal de Surdos de Gado Bravo.

Independente das circunstâncias, podemos dizer que Vandinaldo é um guerreiro, um vitorioso. Não só por ter conseguido voltar a estudar em uma escola que não estava preparada para recebê-lo, mas por ter conseguido vencer os desafios, concluir a Educação Básica, ingressar na Universidade e hoje estar prestes à concluir seu curso de Graduação. Ciente que esta não foi uma jornada nada fácil para ele, para sua família e para seus professores e suas professoras.

Enfim, o garoto esforçado Surdo, conseguiu alcançar seu objetivo: ingressar em uma Universidade, profissionalizar-se e estabelecer-se como profissional na Área da Educação, sendo um educador exemplar.

4 – DISSO TUDO, O QUE PODE SER DITO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

É indiscutível o fato que é a “A linguagem permite ao homem estruturar seu pensamento, traduzir o que sente, registrar o que conhece e comunicar-se com outros homens. Ela marca o ingresso do homem na cultura, construindo-o como sujeito (...)” (BRASIL, 1997, p. 281); mas não podemos desconsiderar a capacidade humana de comunicar-se (linguagem) revela-se de inúmeras formas, a verbal é apenas uma delas.

A experiência pedagógica de Vandinaldo na Educação Básica é reveladora da ausência de políticas educacionais voltadas à inclusão de alunos/as Surdos/as no contexto regular de ensino. Mostra-nos o quanto a inclusão da pessoa Surda no sistema regular de ensino, principalmente na Educação Básica, ainda é um dos maiores desafios a superar para a educação brasileira tornar-se efetivamente inclusiva.

A história de vida de Vandinaldo nos permite constatar que as dificuldades enfrentadas ao longo da sua vida escolar continuam praticamente iguais: nas nossas escolas a transmissão do conteúdo ainda permanece praticamente restrita a usual forma de comunicação, a língua oral, este problema levará muito tempo para ser equacionado.

Muitos outros aspectos também precisam ser considerados, por exemplo, “(...) a surdez não é uma realidade homogênea, mas multicultural, a depender do histórico de vida de cada aluno e das relações sociais que estabeleceu, desde o nascimento” (BRASIL, 1997, p.280).

A escola poderá se deparar com diferentes identidades surdas: surdos que têm consciência de sua diferença e reivindicam recursos essencialmente visuais nas suas interações; surdos que nasceram ouvintes e, portanto, conheceram a experiência auditiva e o português como primeira língua; surdos que passaram por experiências educacionais oralistas e desconhecem a língua de sinais; surdos que viveram isolados de toda e qualquer referência identificatória e desconhecem sua situação de diferença, entre outros (BRASIL, 1997, p.281).

Nesse sentido, a educação da criança e do/a adolescente Surdo/a encontra maior dificuldade no sentido de viabilizar o acesso aos conteúdos de ensino. E para agravar a situação, muitos municípios brasileiros não possuem escolas especiais voltadas ao atendimento da pessoa surda, cuja existência facilita significativamente o processo de aprendizagem.

O caso de Vandinaldo diferencia-se do quadro geral da maioria dos Surdos: o português foi a sua primeira língua, ao ficar Surdo ele já possuía referências linguísticas

naturais ou auditivas – já tinha uma língua base. Nesse sentido tornar-se mais fácil compreender porque o mesmo “resistiu” a Língua de Sinais, demorando tanto tempo para inseri-la em suas redes de comunicação. Necessário se fez o aprendizado de uma nova língua, a memorização de sinais, para os quais precisou aprender novos sentidos que permitissem a apropriação de uma linguagem e suas significações chave para o ingresso em um universo cultural distinto do qual sempre vivera.

E considerem que Vandinaldo precisou voltar para uma escola que não estava preparada para recebê-lo, pois além de não dispor em seu quadro de professores/as bilíngues, com fluência em Língua de Sinais, também não contava em seu quadro com professores/as que conhecessem **metodologias de ensino de português para Surdos** ou que conhecessem as peculiaridades desse processo. Portanto, a partir do retorno de Vandinaldo à escola seu aprendizado ocorreu no “**vácuo linguístico**”, em outras palavras: sem a base essencial a sua condição de surdez adquirida, a Língua de Sinais.

(...) A potencialidade das pessoas surdas nos sinaliza que o sistema educacional deve oferecer condições para que elas possam ser bilíngues, ativas (pessoas que entendem e usam duas ou mais línguas) ou receptivas (pessoas que entendem duas ou mais línguas, mas não as utilizam plenamente). Entende-se assim, como ideal, que deva haver, no processo educacional, a oferta e o uso da língua de sinais brasileira, da língua portuguesa e de outra língua estrangeira moderna (BRASIL, 2006, p. 81).

Portanto, para incluir com êxito e promover a educação da Pessoa Surda necessário se faz revisar/pensar desde a elaboração de uma proposta pedagógica que considere a presença dos/as alunos/as Surdos, comprometida com a oferta de educação adequadas às suas necessidades educacionais, até a adoção de estratégias pedagógicas que permita plenamente a interação social e a comunicação do/a aluno/a Surdo/a - com ênfase à Língua de Sinais.

As Pessoas Surdas possuem as mesmas potencialidades de desenvolvimento que as pessoas ouvintes, principalmente se a estas forem viabilizado o acesso a um ambiente linguístico apropriado. Precisamos romper, definitivamente, com os estereótipos e visões preconceituosas que concebem as pessoas Surdas como incapazes de aprender ou, mais grave ainda, equivocadamente associam a surdez com a deficiência intelectual.

Com base em tudo que já foi colocado anteriormente sobre identidade e de modo especial, Identidades Surdas, é possível identificar não apenas um tipo de identidade, mas inúmeros tipos, que abrem um leque de possibilidades para que o sujeito que tem a perda

auditiva se encontre inserido em um determinado grupo no convívio social. O Surdo é, portanto, um sujeito ativo e participativo, contribuindo à sua maneira, dentro de suas possibilidades, para a aceitação dos demais membros que formam a nossa sociedade.

É certo que nós não conseguimos discutir nesse trabalho todas as particularidades que envolvem a temática das identidades surdas, mas acreditamos que trazer a experiência de vida de uma pessoa com surdez adquirida tenha sido significativa colaboração para a discussão dessa temática. Esperamos poder despertar o interesse das pessoas para procurar saber mais sobre os Surdos e seus modos de ser e viver em sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. Estudo de caso do tipo etnográfico. In: _ (org.). Estudo de caso em Pesquisa e avaliação educacional. Brasília: Líber Livro, 2005, p. 29.
- AROEIRAS, Dudé das. Pedras de Riachos. João Pessoa: Idéia, 2003, p.104-105.
- BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, p. 9.
- BRASIL. A linguagem e a surdez. Educação Especial – A Educação dos Surdos. Brasília: MEC/SEESP, 1997. (Série Atualidades Pedagógicas 04, volume II). pp. 279 - 282.
- BRASIL/SEESP/MEC. Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos. 2. ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. (Série: Saberes e práticas da inclusão).
- DORZIAT, Ana. Identidade e diferença: ser, não ser ou estar sendo. In: _ (org.). O outro da educação: pensando a surdez com base nos temas identidade/diferença, currículo e inclusão. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 09 -33.
- FELIPE, Tanya. Libras em contexto: curso básico, livro do estudante/cursista. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, MEC: SEESP, 2001, p. 38.
- GOLDEMBERG, Mirian. Entrevistas e questionários. In: _ (org.). A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999, p. 86.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2002, p. 07.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 178-179.
- LIMA, Niédja Maria Ferreira de. Inclusão escolar de Surdos: o dito e o feito. In: DORZIAT, Ana (org.). Estudos surdos: diferentes olhares. Porto Alegre: Mediação, 2011, p. 148.
- MARCHESI, Álvaro. Desenvolvimento e educação das crianças surdas. In: Coll, Cesar; _____, Álvaro e PALACIOS, Jesus. Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Porto Alegre: Artmed, 2004, p.172-175.
- MOREIRA, Flávio Antonio. Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. In: _ (org.). Multiculturalismo: diferenças culturais práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 38-42.
- OLIVER, Sacks. Conferência. Disponível In: <http://maoamigaong.trix.net/oliversacks.htm>
- PORTO, Shirley Barbosa das Neves. XI Semana de Pedagogia – Formação Docente, Pesquisa e Práticas Curriculares. Campina Grande - UEPB. Em: 16 de agosto de 2011 às 11h15min.

SANTANA, Ernestina Iva de. Sudez: a história de vida dos surdos de Gado Bravo. Monografia, 70 p. (graduação). UEPB. Gado Bravo. 2004. p. 11; 17-18; 21.

SANTANA, Ernestina Iva de e SILVA, Aline Risseli Florindo. Educação de Surdos no Município de Aroeiras- PB: Uma conquista. In: GT: Trabalho, formação docente e diversidade. 2008, p. 2-3; 7-8.

SKLIAR, Carlos Bernardo. _____. (S/D).

Artigo 70 do capítulo IX, das disposições finais do Decreto nº 5.296, de 2004

CONSULTA INTERNET

<http://itagrupolibras.blogspot.com/>

<http://www.feneis.com.br/page/diadosurdo.asp>

<http://www.feneis.com.br/page/surdoemudo.asp>

http://www.sentidos.com.br/canais/materia.asp?codpag=1347&cod_canal=11

<http://saci.org.br/?modulo=akemi¶metro=1662>

<http://www.surdo.org.br/informacao.php?info=Medicamentos&lg=pt>

<http://proa07profaluciane.pbworks.com/w/page/18632593/Surdez>

<http://cantinodalettras.blogspot.com/2010/01/infeccoes-do-ouvido-e-surdez-detectando.html>

<http://blogdedoraregina.blogspot.com.br/2011/09/10-de-setembro-dia-mundial-de.html>

APÊNDICES

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADA COM VANDINALDO

1. Você nasceu Surdo?
2. Você sabe qual foi a causa, o tipo e o nível de sua surdez?
3. Qual o seu nível de escolaridade?
4. Quais as escolas que você estudou (inclusiva ou bilíngue para Surdos)?
5. Você estuda atualmente? Se sua resposta for positiva, qual é a sua escola (inclusiva ou bilíngue para Surdos)?
6. Como você se sente melhor: oralizando e fazendo leitura labial ou usando Língua de Sinais? Por quê?
7. Você se identifica como Surdo ou ouvinte? Por quê?
8. A maioria dos seus amigos são Surdos ou ouvintes?

APÊNDICE B

ROTEIROS DE ENTREVISTAS REALIZADAS COM EX-PROFESSORES/AS DE VANDINALDO

I. Professor/a (SD):

1. Qual a idade de ----- quando estudou com você? Qual série (ano)?
2. Como era o comportamento dele na escola?
3. O que você tem a dizer sobre a surdez de -----?
4. O que você julga ter sido mais difícil para ele?
5. Quais foram os meios que você encontrou para ajudar o seu aluno?
6. Você chegou a aprender Língua de Sinais?

II. Professor/a (PD/AR):

1. Com quantos anos ----- chegou à Escola de Surdos?
2. Como foram os primeiros dias de aula?
3. Por quanto tempo você foi professor/a dele?
4. Como era o comportamento de ----- na sala de aula?
5. Ele oralizava durante as aulas ou falava apenas em Língua de Sinais?
6. O que você tem a dizer sobre ----- hoje?

III. Professor/a (NR):

1. Qual a série (ano) em que você foi professor/a de -----? E qual a disciplina que você lecionava?
2. Como era a convivência dele com os colegas de sala?
3. De que forma se dava a comunicação durante as aulas?
4. Como era a participação de ----- em um seminário, por exemplo?
5. O que você julga ter sido mais difícil para ele, no período em que foi seu aluno?
6. Você chegou a aprender Língua de Sinais?

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTAS REALIZADAS COM FAMILIARES DE VANDINALDO

IV. Familiares (IR/MA):

1. ----- já nasceu Surdo ou adquiriu a surdez? Se adquiriu, com quantos anos ocorreu esse fato?
2. Se a surdez foi adquirida, qual foi a causa?
3. Como foi a infância de -----?
4. Como é a convivência em casa? Qual a forma de comunicação?
5. Existem dificuldades de entendimento durante uma conversa, por exemplo?
6. Você aprendeu ou pretende aprender Língua de Sinais?

APÊNDICE D

ENTREVISTA SINALIZADA DE VANDINALDO NA ÍNTEGRA _ ANO 2012

1. Vandinaldo, eu gostaria de começar perguntando, se você já nasceu Surdo?

“Não! Eu nasci ouvinte... quando eu tinha dez anos de idade, eu fiquei doente... e aí, minha mãe me levou para o hospital, lá em Campina Grande... e aí o médico constatou que eu tinha perdido a audição. Hoje eu sou Surdo.”

2. Você sabe qual foi a causa, o tipo e o nível de sua surdez?

“É... eu fiquei doente, o nome da doença foi meningite. E aí eu fiquei muito doente e a causa foi essa, a meningite.”

3. É... o seu nível de escolaridade, qual o seu nível?

“Eu já concluí o ensino médio, e hoje eu... desde 2009, desde 2009 concluí o ensino médio.”

4. Quais foram as escolas que você estudou? Escola inclusiva ou escola bilíngue, para Surdos?

“É... eu estudei sempre ‘numa’ escola estadual, é... ‘numa’ escola de ouvinte... ‘numa’ escola regular de ouvinte, desde o primeiro ano. É... em 2007, eu comecei estudar na escola de Surdos... na escola de Surdos de Aroeiras... esse é o sinal da Escola Municipal de Surdos de Aroeiras. [realiza sinal]Fiquei dois anos estudando na escola de Surdos, e aí foi quando eu aprendi Libras... eu aprendi Libras muito não, mais ou menos. Mas... mas consigo conversar, consigo me comunicar em Libras.”

5. Você estuda atualmente? Se você estuda, qual a escola que você estuda, inclusiva ou bilíngue?

“É... agora eu não estudo, é... só em casa... já concluí, só estudo em casa... ‘pra’ no futuro fazer vestibular... eu, eu pretendo fazer faculdade.”

6. Você se sente melhor oralizando ou usando Línguas de Sinais e por quê?

“Eu gosto das duas, eu gosto de oralizar e gosto da Língua de Sinais, porque na... com a Língua de Sinais, eu posso conversar com as pessoas Surdas, é... mas não posso conversar com os ouvintes... não posso falar, oralizar com os Surdos, mas os ouvintes não me entendem se eu falar com a Língua de Sinais. Eu gosto de oralizar porque as pessoas ouvintes, é... me... conseguem me compreender, me escutam... que elas não sabem Libras... e aí... é mais fácil me comunicar com elas oralizando.”

7. Você se identifica como Surdo ou como ouvinte? Por quê?

“Mais ou menos, é... eu sou Surdo, mas às vezes eu me sinto ouvinte, porque eu nasci ouvinte. Eu fiquei muitos anos, eu fiquei dez anos sendo ouvinte, e só com os dez anos q’eu perdi a

audição... e agora sou Surdo. E aí... é complicado, eu fico dividido, um lado meu é Surdo e o outro é ouvinte, é... é isso!”

8. E... seus amigos, a maioria dos seus amigos, eles são Surdos ou são ouvintes?

“Eu tenho muitos amigos ouvintes... eu conheço poucas pessoas Surdas... a maioria dos meus amigos são ouvintes.”

9. Vandinaldo, eu gostaria que você contasse um pouco, como foi na época que você teve essa doença, que você adquiriu essa surdez; se você fez exames de audiometria ou outros exames; se você dispõe desses exames.

“É... tenho! Eu tenho muitos, muitos exames em casa, guardados... é... hoje eu acho que é tudo normal, mas antes quando eu fiquei Surdo, todo mundo se assustou e ficava me perguntando, e... e se espantava, é... e eu ficava assustado, mas agora, isso hoje ‘pra’ mim isso é normal... no começo foi muito difícil, é... eu queria falar, eu não conseguia, é... ouvir... eu falava e as pessoas ficavam todo mundo olhando ‘pra’ mim, falando, alguma coisa de mim, mas assim, porque a minha... minha voz não ficou mais a mesma, eu creio e as pessoas também diziam. É... quando, no início desse, dessa perda auditiva, que aí foi total, no caso eu não fiquei escutando nada... na escola, é... não era, eu... não era fácil não, eu tentava fazer por onde escutar as pessoas, mas aí eu não conseguia, e era eu sozinho de Surdo na sala... eu sentia muita vergonha. E... depois, com o passar do tempo, dos anos eu fui me acostumando, fui deixando ‘pra’ lá essa história de que eu queria ser ouvinte dinovo e hoje... hoje eu sou muito feliz! Hoje ‘pra’ mim isso é normal.”

10. Como foi ‘pra’ você, a chegada aqui na escola de Surdos? Foi difícil você se adaptar?

“Quando eu cheguei, eu não conhecia Libras, eu não... não teve uma identidade. E aí chegou uma mulher em casa, era a diretora da escola de Surdos na época, Ernestina... esse é o sinal dela... **[realiza sinal]** é... me perguntando se eu queria estudar e aprender Libras... e aí eu... conversei comigo, é... Ernestina conversou comigo e perguntou se eu aceitava estudar e aí eu aceitei. Em 2007 eu comecei, e... aprendi, fui aprendendo aos poucos a Libras... mais ou menos em dois mil e... ou melhor, dois anos depois eu já sabia Libras... e também fiz o curso de Libras, que é através da escola, a Associação de Surdos de Campina Grande oferecia. E, é... eu gosto de conversar e aprender, e ‘tá’ sempre avançando em Libras porque é importante conhecer a Comunidade Surda, a Cultura Surda... e poder ‘tá’ me adaptando, estudando mais e aprendendo. **[pausa para explicações da intérprete]** É... porque também eu quero conhecer mais um pouco da... desse mundo dos Surdos, é... porque eu conheço pouquinho, e... porque por exemplo, é... eu ainda ‘to’ dividido, eu conheço a comunidade ouvinte, mas a Comunidade Surda eu ainda não tenho uma... porque através, pelo preconceito de dizer que a Comunidade Surda... que não é bom ser Surdo, que... por eu ser acostumado, ter sido acostumado ouvinte e agora precisar me acostumar Surdo. Eu preciso, é... eu preciso e quero conhecer melhor a Língua de Sinais e a Comunidade Surda, porque no futuro quem sabe, dependendo dos meus estudos, eu possa é... trabalhar e ser por exemplo, um professor, um intérprete, é... ensinar às pessoas ouvintes ou Surdas, a Língua de Sinais. É... por isso que eu quero conhecer melhor as pessoas e a Comunidade Surda. **[Ok Vandinaldo! Então, eu finalizo agradecendo a você, pela contribuição ‘pra’ minha pesquisa, muito obrigada!]** por nada.”

APÊNDICE E

ENTREVISTA ORALIZADA DE VANDINALDO NA ÍNTEGRA _ ANO: 2012

1. É... Vandinaldo, você já nasceu Surdo?

“Não! Eu nasci ouvinte, aí quando tinha dez anos de idade, fiquei doente, tive que ir ‘pro’ hospital, fiquei lá internado, aí quando foi depois, minha audição diminuiu, hoje sou Surdo.”

2. É, você sabe qual foi a causa, da sua surdez, o tipo, tipo de surdez?

“Bem... os médicos falaram que eu fiquei doente de meningite, só que o grau da minha audição não sei muito não.”

3. É... qual é o seu nível de escolaridade?

“3º ano completo! Terminei meus estudos em 2009.”

4. Quais as escolas que você estudou?

“Estudei da 1ª série até o 3º ano ‘numa’ única escola de ouvinte, que foi o Estadual. Então... em 2007, comecei a aprender Libras... na Escola Municipal de Surdos daqui de Aroeiras.”

5. Você estuda atualmente?

“Bem... atualmente eu estudo em casa, por exemplo assim, ‘pra’ ingressar em um vestibular, ‘num’ curso, ‘pra’ no futuro ‘consigo’ ir... entrar na faculdade.”

6. É... como você se sente melhor, oralizando ou falando em Língua de Sinais?

“‘Pra’ mim é bom os dois, porque... bem... eu tenho muitos amigos que ‘num’ ‘sabe’ de Libras, aí ‘num’ posso ficar conversando Libras com ‘ele’, então eu fico oralizando mesmo. E também tenho amigos que são Surdos, eu não posso ficar falando com Surdo porque eles não vão entender, não vão escutar o q’eu ‘to’ falando; aí então vou falar com Surdo em Libras. Então ‘pra’ mim os dois, oralizando e falando em Libras.”

7. Você se identifica como Surdo ou como ouvinte? Por quê?

“‘Pra’ mim... também é os dois, porque... até os dez anos eu era ouvinte, e dos dez anos ‘pra cá’ eu sou Surdo. Então eu me sinto como se fosse os dois.”

8. É... como você já adiantou sobre seus amigos, a maioria dos seus amigos, eles são Surdos ou ouvintes?

“Atualmente ‘tem’ mais amigos ouvintes, que foi desde infância... conheço poucas pessoas surdas. [Certo! Ok Vandinaldo, obrigada pela sua contribuição ‘pra’ minha pesquisa! Obrigada!] de nada.”

APÊNDICE F

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, maria do socorro silva leite, no CPF sob o nº 02 3395184-90, mãe de Vandinaldo Ribeiro Leite, autorizo Cassia Cristina do Nascimento, matrícula 081210213, graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, a utilizar a entrevista realizada no dia 08 de maio de 2012 no seu Trabalho de Conclusão de Curso referente à pesquisa sobre “**A surdez adquirida e as identidades**”, orientado pela Professora Dr^a Cristiane Maria Nepomuceno/ UEPB e co-orientado pela Professora Maria do Socorro Leal Cabral/ EDAC.

Aroeiras, 08 de maio de 2012

maria do socorro silva leite

1º OFÍCIO DE NOTAS E REGISTRO
Rua do Rosário, 48 - Centro - Aroeiras-PB
Reconheço como autêntica e verdadeira
a(s) firma(s) de Vandinaldo Socorro -
na Silva Leite
conforme autógrafo arquivado neste ofício.
Aroeiras, 10 de maio 2012.
Em testemunho [assinatura] da verdade.
José Hélio Barbosa Arruda
Selo: ABP 63608 - 3KTX
José Hélio Barbosa Arruda
Escrevente HA/DOC



APÊNDICE G

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Maria do Socorro Dias de Araújo, no CPF sob o nº 487.858.594-49, ex-professora de Vandinaldo Ribeiro Leite, autorizo Cassia Cristina do Nascimento, matrícula 081210213, graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, a utilizar a entrevista realizada no dia 08 de maio de 2012 no seu Trabalho de Conclusão de Curso referente à pesquisa sobre "**A surdez adquirida e as identidades**", orientado pela Professora Dr^a Cristiane Maria Nepomuceno/ UEPB e co-orientado pela Professora Maria do Socorro Leal Cabral/ EDAC.

Aroeiras, 08 de maio de 2012

Maria do Socorro Dias de Araújo

1º OFÍCIO DE NOTAS E REGISTRO
Rua do Rosário, 48 - Centro - Aroeiras-PB
Reconheço como autêntica e verdadeira

a(s) firma(s) de Maria do Socorro Dias de Araújo,
conforme autógrafo arquivado neste ofício.
Aroeiras, 10 de maio 2012.

Em testemunho José Hélio Barbosa Arruda, da verdade.

José Hélio Barbosa Arruda
Selo: ABP63606 - 2X62

José Hélio Barbosa Arruda
Escrevente HA/DOC.



APÊNDICE H

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Naquis Ramos da Silva, no CPF sob o nº 060.352.194-03, ex-professor de Vandinaldo Ribeiro Leite, autorizo Cassia Cristina do Nascimento, matrícula 081210213, graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, a utilizar a entrevista realizada no dia 08 de maio de 2012 no seu Trabalho de Conclusão de Curso referente à pesquisa sobre "**A surdez adquirida e as identidades**", orientado pela Professora Dr^a Cristiane Maria Nepomuceno/ UEPB e co-orientado pela Professora Maria do Socorro Leal Cabral/ EDAC.

Aroeiras, 08 de maio de 2012

Naquis Ramos da Silva

1º OFÍCIO DE NOTAS E REGISTRO
Rua do Rosário, 48 - Centro - Aroeiras-PB

Reconheço como autêntica e verdadeira
a(s) firma(s) de Naquis Ramos da Silva

conforme autógrafo arquivado neste ofício.
Aroeiras, 10 de maio de 2012.

Em testemunho José Hélio Barbosa Arruda da verdade

José Hélio Barbosa Arruda
Selo: ABP 63607 - X670

José Hélio Barbosa Arruda
Escrevente HA/DOC.



APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Paulo Dias de Araújo, no CPF sob o nº 031711824-24, ex-professor de Vandinaldo Ribeiro Leite, autorizo Cassia Cristina do Nascimento, matrícula 081210213, graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, a utilizar a entrevista realizada no dia 07 de maio de 2012 no seu Trabalho de Conclusão de Curso referente à pesquisa sobre **"A surdez adquirida e as identidades"**, orientado pela Professora Dr^a Cristiane Maria Nepomuceno/ UEPB e co-orientado pela Professora Maria do Socorro Leal Cabral/ EDAC.

Aroeiras, 07 de maio de 2012

1º OFÍCIO DE NOTAS E REGISTRO
Rua do Rosário, 48 - Centro - Aroeiras-PB
Reconheço como autêntica e verdadeira
a(s) firma(s) de Paulo Dias
de Araújo
conforme autógrafo arquivado neste ofício.
Aroeiras, 16 de Junho 2012.

Em testemunho de da verdade.

Severino Ramos de A. Santos
Severino Ramos de A. Santos
TABELIAO
CNPJ nº 06.963.653-00/31



APÊNDICE J

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Vandinaldo Ribeiro Leite, no CPF sob o nº 013.849.014-77, autorizo Cassia Cristina do Nascimento, matrícula 081210213, graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, a utilizar a entrevista realizada no dia 14 de maio de 2012 no seu Trabalho de Conclusão de Curso referente à pesquisa sobre "**A surdez adquirida e as identidades**", orientado pela Professora Dr^a Cristiane Maria Nepomuceno/ UEPB e co-orientado pela Professora Maria do Socorro Leal Cabral/ EDAC.

Aroeiras, 14 de maio de 2012

Vandinaldo Ribeiro Leite

1º OFÍCIO DE NOTAS E REGISTRO
Rua do Rosário, 48 - Centro - Aroeiras-PB
Reconheço como autêntica e verdadeira
a(s) firma(s) de Vandinaldo Ri-
beiro Leite
conforme autógrafo arquivado neste ofício.
Aroeiras, 14 de maio de 2012.

Em testemunho [Assinatura] da verdade.

[Assinatura]

SND: AP063716-UJGT

Severino Ramos de A. Santos
TABELIÃO



APÊNDICE L

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**CARTA DE AUTORIZAÇÃO**

Eu, Vandinaldo Ribeiro Leite, no CPF sob o nº 013.249.014-77, autorizo Cassia Cristina do Nascimento, matrícula 081210213, graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, a utilizar meu nome no seu Trabalho de Conclusão de Curso, referente à pesquisa sobre "A surdez adquirida e a(s) identidade(s) formada(s)", orientado pela Professora Dr^a Cristiane Maria Nepomuceno/ UEPB.

Aroeiras, 11 de julho de 2012

Vandinaldo Ribeiro Leite

1º OFÍCIO DE NOTAS E REGISTRO
Rua do Rosário, 48 - Centro - Aroeiras-PB
Reconheço como autêntica e verdadeira
a(s) firma(s) de Vandinaldo Ri-
beiro Leite

conforme autógrafo arquivado neste ofício.

Aroeiras, 11 de julho de 2012.

Em testemunho SPD da verdade,

Severino Ramos de A. Santos

SUP. AEP 63715 - VIG 5

Severino Ramos de A. Santos
TABELIAO



APÊNDICE M

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Aline Russeli Florindo Silva, no CPF sob o nº 064.422.204-27, ex-professora de Vandinaldo Ribeiro Leite, autorizo Cassia Cristina do Nascimento, matrícula 081210213, graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, a utilizar a entrevista realizada no dia 17 de maio de 2012 no seu Trabalho de Conclusão de Curso referente à pesquisa sobre "**A surdez adquirida e as identidades**", orientado pela Professora Dr^a Cristiane Maria Nepomuceno/ UEPB e co-orientado pela Professora Maria do Socorro Leal Cabral/ EDAC.



Aroeiras, 17 de maio de 2012

Aline Russeli Florindo Silva



ANEXOS

ANEXO A

EXAME DE AUDIOMETRIA DE VANDINALDO




Clínica
José Pinto Brandão
Otorrinolaringologia
&
Fonoaudiologia


NOME: Vandinaldo Ribeiro Leite.
 IDADE: 15a. DATA: 19-01-07. SEXO: masc.
 PROFISSÃO: _____
 MÉDICO SOLICITANTE: Dn. Expedito Medeiros.

AUDIOMETRIA

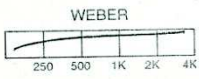
OUVIDO DIREITO



OUVIDO ESQUERDO



WEBER



SRT

OD	/
OE	/

DISCRIMINAÇÃO SDT - 95dB.

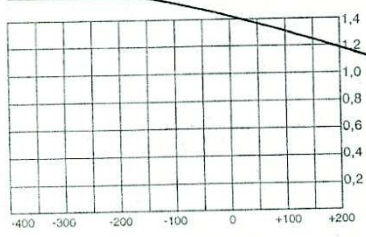
M	dB	MASC.
D		

SDT - 105dB.

M	dB	MASC.
D		

CONCLUSÃO: Perda auditiva sensorio neural profunda bilateral.

IMITANCIOMETRIA



C/S	OUVIDO DIREITO				OUVIDO ESQUERDO			
	Liminar Tonal	Nível do Reflexo	Dif.	Decay do Reflexo 5 seg.	Liminar Tonal	Nível do Reflexo	Dif.	Decay do Reflexo 5 seg.
500								
1000								
2000								
3000								
4000								

CONCLUSÃO: _____

Brandão
 Assinatura
 José Pinto Brandão
 FONOAUDIÓLOGA
 CRF: 8734

ANEXO B

DEPOIMENTO DE UMA PESSOA SURDA ACERCA DA IMPORTÂNCIA DA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS

Depoimento de uma Surda

As últimas palavras de minha mãe. Aos oitenta anos, minha mãe perguntou-me: "Será que fizemos a coisa certa mandando você para a *Clarke School*? Será que uma educação oral foi o melhor para você?" Aos oitenta e um anos, ela disse: "Eu deveria ter aprendido língua de sinais, mas a direção da escola disse-nos que não seria a coisa correta a fazer. Eu posso agora ver a diferença na comunicação e vejo o erro que foi não aprender língua de sinais". No dia 10 de julho de 1992, às 10h20min, minha mãe Ruth Miller Leveske faleceu. Eu estava ao seu lado quando ela morreu. Tive cerca de três horas ao lado daquela corajosa mulher antes que ela entrasse em coma e fosse embora para sempre. Era óbvio que nos restava pouquíssimo tempo, então tentamos dizer tudo que tínhamos no coração. Eu falava e lia seus lábios. Já no fim, ela quis me dizer algo. Eu não entendi, então lhe pedi que repetisse. Finalmente, dei-lhe um pedaço de papel. Ela apenas pode escrever a letra O, ou talvez C, antes que seus olhos se fechassem e o profundo sono do coma caísse sobre ela. Nos dias e nas semanas antes da morte de minha mãe, nós passamos muitas horas resolvendo assuntos ligados a seu falecimento. Tudo foi resolvido verbalmente – não confortavelmente, mas apropriadamente. Minha mãe certificou-se que eu tivesse a melhor educação oral possível. Ela orgulhava-se da minha oralização e impressionava-se com minha leitura labial quase perfeita. Mas nunca tivemos uma conversa de verdade. Oh, eu sei que ela me amava. Eu sei que ela tinha orgulho de mim. Mas eu nunca vou saber as últimas palavras que ela disse para mim. Sua morte, de certa forma, foi uma bênção. Ela vinha sofrendo por dois anos devido ao câncer. Sinto-me confortada em pensar nela em paz, livre da dor e do sofrimento. Mas a frustração de nosso último momento juntas, me seguirá para sempre. Se ela tivesse aprendido língua de sinais, ela poderia ter sido capaz de me dizer, claramente, o que quer que fosse tão importante para ela. Aquele momento foi muito doloroso. Ele me fez pensar em todas as outras coisas que ela poderia ter me dito durante toda a vida mas não o fez. Não posso mudar nada. Não posso voltar o tempo e fazer suas mãos voarem facilmente. Mas posso fazer um apelo aos outros pais de surdos: aprendam a língua de sinais! A comunicação entre pais e filhos ou entre quaisquer outras pessoas é tão vital para ser atrapalhada por metodologias. A simples verdade é: se você quer fluente comunicação entre pais e filhos, significativa troca de idéias, emoções, pensamentos e amor com seu filho surdo, faça-o em língua de sinais. Pais, não deixem idealismo e retóricas colocarem-se a frente da realidade. Isto tornou-se dolorosamente claro para mim naquela triste manhã algumas semanas atrás. Eu sempre vou pensar no que minha mãe quis me dizer e não pode. É muito tarde para mim. É muito tarde para você?

Texto adaptado de Levesque, 1972 e traduzido de *A Journey into the Deaf-World*. e H. Lane, R. Hoffmeister, B. Bahan.

ANEXO C**DECRETO DE CRIAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
DE AROEIRAS – EMEEA****ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE AROEIRAS
GABINETE DO PREFEITO**

DECRETO Nº 007/2006

Aroeiras, 03 de Abril de 2006.

O PREFEITO MUNICIPAL DE AROEIRAS,
no uso de suas atribuições que lhe concede a Lei Orgânica do Município,

DECRETA;

Art. 1º - Fica criada a Escola Municipal de Educação Especial de Aroeiras.

Art. 2º - A escola de que trata o Decreto oferecerá as séries de educação Infantil à 4ª série do Ensino Fundamental.

Art. 3º - Em 2006 a Escola iniciará suas atividades com a oferta da socialização com a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, implantando as séries de forma progressiva a cada ano.

Art. 4º - As despesas decorrentes da implantação desta Escola correm a conta de dotação orçamentária da Secretaria de Educação.

Art. 5º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Aroeiras, 03 de abril de 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE AROEIRAS

.....
José Francisco Marques

JOSE FRANCISCO MARQUES
PREFEITO